

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

VALFLÔR DA CONCEIÇÃO LOUZEIRO OLIVEIRA

**DEGRADAÇÃO DO PATRIMÔNIO AZULEJAR NO CENTRO HISTÓRICO DE
SÃO LUÍS-MA: estudo sobre a área de Tombamento Mundial, Federal e Estadual.**

São Luís

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

VALFLÔR DA CONCEIÇÃO LOUZEIRO OLIVEIRA

**DEGRADAÇÃO DO PATRIMÔNIO AZULEJAR NO CENTRO HISTÓRICO DE
SÃO LUÍS-MA:** estudo sobre a área de Tombamento Mundial, Federal e Estadual.

Monografia apresentada ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do
Maranhão - UEMA, para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Ingrid Braga

São Luís

2013

Oliveira, Valflôr da Conceição Louzeiro.

Degradação do patrimônio azulejar no Centro Histórico de São Luís – MA: estudo sobre a área de tombamento mundial, federal e estadual / Valflôr da Conceição Louzeiro Oliveira._ 2013

71 f.

Impresso por computador (fotocópia)

Orientadora: Ingrid Braga

Monografia: (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2013.

1. Patrimônio. 2. Centro Histórico. 3.Título.

CDU 738.8 (812.1)

VALFLÔR DA CONCEIÇÃO LOUZEIRO OLIVEIRA

DEGRADAÇÃO DO PATRIMÔNIO AZULEJAR NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS-MA: estudo sobre a área de Tombamento Mundial, Federal e Estadual.

Monografia apresentada ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do
Maranhão - UEMA, para obtenção do título de Bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Ingrid Braga-UEMA
(Orientador)

Prof^ª Dr^ª Grete Pflueger
(1º Examinador)

(2º Examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus todo poderoso, que me deu sabedoria para enfrentar os desafios e por estar presente em todos os dias da minha vida.

A minha querida mãe Magnólia, pelo imenso amor e carinho que me dedica a quem agradeço por ter me dado a vida.

Ao meu querido pai, Haroldo, *in memoriam*, que tenho guardado dentro do meu coração, a todos os valores que me ensinou a quem agradeço tudo o que sou.

Ao meu marido João Batista, pelo estímulo, apoio e compreensão, que sempre torceu e acreditou em mim, nunca deixou que desistisse e que me deu forças para realizar este sonho.

Aos meus filhos Auristela, Nayane Estelle, Batista Júnior e Hugo André pela compreensão e paciência que tiveram quando estive ausente nos momentos que mais precisaram.

As minhas netas Nicole, Aisha, Lívia e Luísa, pela alegria e felicidade que me proporcionam e a força que me transmitem para continuar a viver, para vê-las crescer.

Aos meus irmãos Aldenir, Maria Francisca, Magnólia, Hamilton e Arilson, pelo apoio e incentivo que sempre me deram e por torcerem por mim.

Aos meus amigos do curso João Azevedo e Demerval Ramos, pela amizade que cada um contribuiu para a conclusão deste trabalho.

A minha amiga de todas as horas Letícia Martins, pelo companheirismo e amizade nos momentos de dificuldades que passamos juntas, a força que me deu, para não desistir, continuar perseverando para a conclusão deste sonho.

A minha Orientadora Ingrid Braga pela colaboração durante a elaboração, deste trabalho, conduzindo-me a concretização dos meus objetivos.

A prof^a. Denise Cortez pela disponibilidade, que durante a elaboração, deste trabalho, sempre me acompanhou, dando suas sugestões, e apoio na execução.

Agradecimento especial ao mestre Êrico Ayres Junqueira, pelo aprendizado e contribuição com que lançou as bases da minha formação profissional, pela segunda vez.

Aos colegas do curso pelos momentos de amizade demonstrados durante estes cinco anos de convivência. Valeu!

Ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, aos funcionários e a todos os professores, pois são eles os responsáveis pelos conhecimentos adquiridos.

“A degradação física dos azulejos resulta da concorrência simultânea de uma agressão externa e de uma fragilidade do azulejo decorrente da sua fabricação”

(Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC)

RESUMO

São Luís, capital do Estado do Maranhão, é conhecida ainda como a “Cidade dos Azulejos” por possuir um importante conjunto arquitetônico de reconhecido valor histórico, artístico e paisagístico. O acervo arquitetônico do centro histórico de São Luís composto essencialmente de arquitetura civil e religiosa, é o local onde se concentra expressivo número de edifícios revestidos com azulejos antigos remanescentes dos séculos XVIII, XIX e meados do século XX. O presente trabalho busca, através da pesquisa de campo e análise bibliográfica, conhecer a Degradação do Patrimônio Azulejar do Centro Histórico de São Luís – MA, bem como conhecer a origem do azulejo, sua evolução na Península Ibérica e sua trajetória na Europa, posteriormente ao território português e sua chegada em terras brasileira e finalmente ao Maranhão. Com este estudo pretende-se identificar o estado de degradação dos azulejos das fachadas, detectando as causas, fatores e patologias. A metodologia desenvolvida pautou-se no levantamento de dados bibliográficos, coleta de dados em campo, com a observação visual pormenorizada que permitiu a análise do estado de conservação dos imóveis com azulejos na área especificada. Apresentando abordagem qualitativa dos dados. Desta forma foi possível estudar o estado de degradação dos imóveis. O estudo foi realizado entre os meses de março a junho de 2013. A área de estudo da pesquisa compreende os limites Estadual, Federal e Mundial do Centro Histórico de São Luís onde foi escolhida uma amostra de 10 (dez) prédios de fachada azulejar para fazer o estudo. Como critério de inclusão optou-se principalmente pela grande área de degradação dos mesmos. E foram excluídos os prédios mais distantes e com menos índice de degradação azulejar. A coleta de dados foi através de uma ficha individual e fotografias dos imóveis. Os resultados foram apresentados através do diagnóstico situacional do estado atual de deterioração do patrimônio azulejar dos imóveis. Identificando-se as principais tipologias de azulejos selecionados, observando suas técnicas de fabricação e influencia na arte azulejar e sua inserção na arquitetura colonial brasileira. Desse modo, procurou-se diagnosticar o estado de degradação do patrimônio azulejar existente no centro histórico. Muitos imóveis encontram-se em péssimo estado de conservação, estabilizado e isolado as portas e janelas com tijolos e argamassa de cimento muitos imóveis com infiltrações e vegetação descendo do telhado o que favorece o desprendimento do suporte arquitetônico.

Palavras-chave: Degradação, Patrimônio, Conservação.

DETERIORATION OF SHAREHOLDERS IN azulejar HISTORICAL CENTRE OF SÃO LUIS-MA: study area Tipping World, Federal and State.

Abstract

São Luís, capital of Maranhão, is still known as the "City of Tiles" by having an important architectural ensemble of recognized historic value, artistic and landscape. The architectural heritage of the historic center of St. Louis of essentially civil and religious architecture, is where concentrates significant number of buildings covered with old tiles remaining from the eighteenth, nineteenth and mid-twentieth century. This paper seeks, through field research and literature review, knowing Degradation Heritage Azulejos History Center of San Luis - MA, as well as knowing the origin of the tile, its evolution in the Iberian Peninsula and its history in Europe, after the Portuguese territory and its arrival on land and finally the Brazilian state of Maranhão. This study aims to identify the state of degradation of the tiles of the façades, detecting the causes, factors and conditions. The methodology was based on bibliographic data collection, data collection in the field, with the visual observation that allowed the detailed analysis of the state of conservation of the property with tiles in the specified area. Introducing qualitative approach. This made it possible to study the degradation state of the property. The study was conducted between March and June 2013. The study area comprises the research limits State, Federal and World Historical Center of St. Louis where she was selected a sample of ten (10) buildings facade tiling to do the study. The inclusion criterion was chosen mainly by the large area of their degradation. And the buildings were excluded more distant and less degradation index tiling. Data collection was via a plug and photographs of individual properties. The results were presented through the situational analysis of the current state of deterioration heritage tiling property. Identifying the main types of tiles selected by observing their manufacturing techniques and influences in art tiling and its insertion in Brazilian colonial architecture. Thus, we tried to diagnose the state of degradation of the existing heritage tiling in the historic center. Many buildings are in disrepair, stabilized and insulated doors and windows with bricks and cement mortar many homeowners leaking down from the roof and vegetation which favors the detachment of architectural support.

Keywords: Degradation, Heritage, Conservation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	Geral.....	12
2.2	Específicos.....	12
3	METODOLOGIA.....	13
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
4.1	Origem do Azulejo.....	14
4.2	A evolução do azulejo na Península Ibérica.....	15
4.3	A introdução do azulejo em Portugal.....	15
4.4	A introdução do azulejo no Brasil.....	17
4.5	A introdução da azulejaria no Maranhão.....	18
4.6	Azulejos em São Luis.....	18
4.7	Azulejos de Fachadas.....	19
5	ACERVO AZULEJAR.....	23
5.1	Degradação do Patrimônio Azulejar.....	24
5.1.1	Patologias.....	27
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
7	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	58
8	REFERENCIAS.....	60
	ANEXOS.....	63

LISTA DE FIGURAS

01	Rua Portugal, 303	20
02	Rua da Estrela, 50	21
03	Casa com Azulejo em decalque	22
04	Casa com azulejo em relevo	22
05	Porta e janela	22
06	Acervo azulejar no Centro Histórico	24
07	Rua do Sol	25
08	Rua São Pantaleão	25
09	Rua das Hortas, 322	26
10	Rua do Giz, 426	26
11	Vegetação na fachada	27
12	Detalhe da Fachada	29
13	Fachada com fungos	30
14	Praça João Lisboa, 37	31
15	Azulejo estampilhado	32
16	Friso estampilhado	32
17	Azulejo de padrão único	32
18	Estado de conservação dos azulejos	33
19	Estado de conservação dos azulejos	33
20	Estado de conservação dos azulejos	33
21	Estado de conservação dos azulejos	33
22	Rua Grande, 1032	34
23	Azulejo de decalque	35
24	Friso em decalque	35
25	Azulejo de padrão único	35
26	Fabrica Martins	35
27	Azulejo estampilhado	36
28	Friso estampilhado	37
29	Azulejo de padrão	37
30	Fachada da Fábrica Martins	38
31	Rua do Giz, 426 B	39
32	Azulejo estampilhado	40
33	Friso estampilhado	40
34	Azulejo de padrão único	40
35	Lacunas preenchida com cimento Portland	41

36	Rua Rio Branco, 404 – ano de 2004	42
37	Rua Rio Branco, 404 - ano de 2013	42
38	Azulejo estampilhado	42
39	Friso estampilhado	42
40	Azulejo de Padrão Rua do Giz, 167	43
41	Azulejo de Padrão 2x2	43
42	Rua do Giz, 167	44
43	Azulejo marmoreado	45
44	Friso marmoreado	45
45	Azulejo de padrão único	45
46	Detalhe do preenchimento com cimento Portland	46
47	Detalhe da fachada	46
48	Rua da Manga, 162	47
49	Fachada azulejada em processo de deterioração	48
50	Azulejo estampilhado	48
51	Friso estampilhado	48
52	Azulejo de padrão único	49
53	Rua da Manga, 48	50
54	Azulejo estampilhado	51
55	Azulejo utilizado como friso	51
56	Azulejo de padrão 2x2	51
57	Fachada azulejada pintada com tinta pinck	52
58	Cercadura pintada com tinta pinck	53
59	Cercadura depois de raspada	53
60	Cercadura pintada de tinta amarela	53
61	Detalhe da fachada azulejada	54
62	Fachada atual pintada de amarelo	56
63	Praça João Lisboa, 200	55
64	Detalhe da fachada principal	56
65	Detalhe da fachada lateral	56
66	Detalhe da fachada lateral onde ainda existem azulejos	57
67	Azulejo estampilhado	57
68	Azulejo de padrão 2 X 2	57
69	Friso estampilhado	58
70	Friso estampilhado	58
71	Azulejo estampilhado da fachada lateral	58

1 INTRODUÇÃO

A cerâmica tem uma forte ligação com o homem, pois, desde a pré-história, percebe-se a relação do barro com a construção de uma cultura desta matéria, o que tem levado os historiadores a buscar este elemento essencial para seus estudos. É desta matéria que nasce o azulejo, arte milenar, que permanece sendo usado até hoje.

A interpretação material e espiritual do revestimento azulejar exige, além do fundamental conhecimento histórico, estilístico e iconográfico, o uso do laboratório, cujas análises podem fornecer à história da arte e à arquitetura determinados dados ou confirmar hipóteses. A tecnologia destas pastas de cerâmica, a época e as condições de cozedura de uma peça, a sua explicação, suas alterações, o levantamento do seu estado de conservação e intervenções anteriores, bem como a metodologia a ser aplicada para a sua prevenção, são exemplos do apoio fornecido pelo laboratório. O azulejo, considerado como um revestimento arquitetônico foi largamente utilizado no Brasil e em outras partes do mundo, para revestir paredes de prédios e compor ambientes, propiciando, ao mesmo tempo, o conforto, uma vez que o clima do Brasil é quente e a cerâmica, com sua característica térmica, refresca o ambiente, e a decoração, alegrando com seus tons refletidos na luz natural.

São Luís, capital do Estado do Maranhão, é conhecida ainda como a “Cidade dos Azulejos” por possuir um importante conjunto arquitetônico de reconhecido valor histórico, artístico e paisagístico. O acervo arquitetônico do centro histórico de São Luís composto essencialmente de arquitetura civil e religiosa, é o local onde se concentra expressivo número de edifícios revestidos com azulejos antigos remanescentes dos séculos XVIII, XIX e meados do século XX. Os azulejos constituem parte integrante nas fachadas das edificações, de diferentes tipologias como: sobrados, morada inteira, meia morada e porta e janelas. A cidade foi tombada pelo Patrimônio Federal em 1974 e Patrimônio Estadual em 1986, e incluído em dezembro de 1997 na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA).

Durante os séculos XIX e XX, o azulejo desempenhou um papel preponderante e decorativo da arquitetura civil do Centro Histórico de São Luís, bastante utilizado como revestimento nas fachadas dos casarões. Atualmente esse patrimônio azulejar encontra-se em estado precário de conservação, devido inúmeros fatores como: vandalismo, abandono pelo proprietário, descaso do poder público e a falta de uma política de preservação além de vários outros fatores.

O interesse pelo estudo surgiu durante o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa para elaboração do Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão entre 2004 e 2006, onde foi observado o estado de degradação que se encontram as fachadas azulejadas na capital do estado do Maranhão.

Portanto esse trabalho objetiva estudar o estado de degradação dos azulejos de fachadas da arquitetura civil do século XIX em São Luís, analisando o estado de conservação, os fatores, as causas e as patologias que afetam os azulejos de fachada.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Estudar o estado de degradação dos azulejos de fachadas da arquitetura civil do século XIX em São Luís.

2.2 Específicos

Conhecer a origem e evolução do azulejo de Portugal ao Maranhão;

Conhecer o estado de conservação dos azulejos de fachada dos imóveis estudados;

Identificar os principais fatores, as causas e as patologias que afetam os azulejos de fachada.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos pautaram-se no levantamento de dados bibliográficos, coleta de dados em campo, com a observação visual pormenorizada que permitiu a análise do estado de conservação dos imóveis com azulejos na área especificada. Apresentando abordagem quali quantitativa dos dados. Desta forma foi possível estudar o estado de degradação dos imóveis. O estudo foi realizado entre os meses de março a junho de 2013.

A área de estudo da pesquisa compreende os limites Estadual, Federal e Mundial do Centro Histórico de São Luís onde foi escolhida uma amostra de 10 (dez) prédios de fachada azulejar para fazer o estudo. Como critério de inclusão optou-se pela escolha devido a já ter realizado estudos anteriores além da grande área de degradação dos mesmos. E foram excluídos do estudo os prédios mais distantes e com menos índice de degradação azulejar.

Para coleta de dados foi utilizada como instrumento uma ficha individual com registros fotográficos dos imóveis selecionados que representa patrimônio azulejar, o que levou a comprovação da situação atual de deterioração do patrimônio azulejar dos imóveis no Centro Histórico de São Luís nas áreas de tombamento Estadual, Federal e Mundial, locais de aplicação dos azulejos, a verificação das perdas de vidrados, perdas das chacotas, as fraturas, as sujidades, danos por intempéries e o vandalismo humano.

Após a coleta do material foi elaborado um relatório de diagnóstico situacional do estado atual de deterioração do patrimônio azulejar dos referidos imóveis para facilitar a análise dos dados encontrados.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Origem do Azulejo

A palavra azulejo ou azuleijo é de origem árabe *azzelij*, (ou *al zulaycha*, *al zuléija*, *al zulaiju*, *al zulaco*) que significa pequena pedra polida ou ladrilho e era usada para designar o mosaico bizantino do Próximo Oriente. É comum, no entanto, relacionar-se o termo com a palavra azul (termo persa *lazhward*, *lâpis-lazúli*) devido grande parte da produção portuguesa de azulejo se caracterizar pelo uso em larga escala desta cor (WIKIPEDIA, 2013).

A palavra portuguesa Azulejo designa uma placa cerâmica quadrada com duas faces decoradas e vidradas (PEREIRA, 1995, p. 09).

As mais antigas peças de azulejos conhecidas, datam de 5 mil anos a.C. e foram encontradas em escavações no Egito. Sabe-se também que os assírios e babilônios usavam revestimentos semelhantes. Mas foram os árabes que levaram a arte do azulejo para a Espanha e de lá se difundiu por toda a Europa. Essas peças, com a manipulação do cobre pelos seus alquimistas, já apresentavam duas tonalidades, o azul turquesa e o verde Nilo, os primeiros esmaltes a serem revelados na busca dos coloridos do arco-íris. Os assírios e babilônios do século XIII a.C. ao século VI d.C., fabricavam azulejos e tijolos pintados com modelos de figuras coloridas com esmaltes. Os persas copiaram esses processos de 221 a.C. a 640 d.C. Os árabes, em 632 da nossa era, adotavam também tais métodos, ampliando-os ainda com uma nova técnica que é a aplicação do lustre, de aspecto metálico e de diferentes cores (BARATA, 1955).

O azulejo tem uma origem longínqua e um extenso trajeto, tanto histórico como geográfico, chegou até nós, através da Península Ibérica especialmente Portugal. A sua utilização é comum a outros países como Espanha, Itália, Holanda, Turquia, Irã ou Marrocos, mas foi em Portugal, que o azulejo assume especial importância no contexto universal da criação artística: pela longevidade do seu uso, sem interrupção durante séculos; pelo modo de aplicação, como elemento decorativo das estruturas arquitetônicas; pelo modo com foi entendido ao longo dos séculos, mas não só com arte decorativa, mas também como suporte de renovação do gosto e de registro de imaginário (PEREIRA, 1995 p. 09).

“O feliz hábito do uso do azulejo estava profundamente radicado no gosto português há mais de duzentos anos quando se deram as invasões francesas do princípio do século XIX” (CALADO, 1999, p. 234).

“O azulejo não é genericamente, um produto típico de Portugal: veio de fora e aqui se adaptou. Processo dessa adaptação, e principalmente, a intenção decorativa que norteou os adaptadores é que, quando a nós, constitui a originalidade portuguesa e nos leva a reivindicar para Portugal incontestável primazia a que a decoração cerâmica tem o direito no quadro das artes decorativas” (SIMÕES, 1974, p.35).

4.2 A evolução do azulejo na Península Ibérica

O azulejo tem raízes muito remotas, desde o Egito passando pelos Assírios e Babilônios existem provas de que estes povos já utilizavam a técnica da cerâmica e do revestimento dos seus templos, altares e palácios com placas de cerâmica vitrificada. Utilizavam diversas cores, todas elas obtidas a partir dos diversos óxidos metálicos. Igualmente parece ter sido utilizado na China antiga e Índia (NETO GOMES, 2000).

A presença árabe na Península Ibérica fez-se sentir pela permanência de uma prática da cerâmica, sendo Sevilha o grande centro produtor de azulejos ainda nas técnicas arcaicas de corda-seca e aresta, até meados do século XVI. A evolução dos motivos passou das laçarias e encadeados geométricos mouriscos para temas vegetais e animais europeus, entre o gótico e o puro gosto Renascença.

Ainda conforme Neto Gomes (2000) em Portugal só começou a fabricar azulejos com características nacionais por volta de quinhentos anos sendo muito simples ligar as suas origens e o seu caráter ao azulejo peninsular, particularmente ao mudéjar, quando, de fato, pelo novo conceito decorativo que presidiu à sua evolução e o caráter de monumentalidade que os portugueses lhe souberam dar, daí a sua distinção do azulejo espanhol, assim surgem exemplares que não permitem dar à sua história uma origem única e exclusiva de imitação peninsular. Por isso, a sua história, sobretudo se for uma visão sintética da evolução, revela variedades que são no fundo o que lhe confere a sua riqueza ornamental.

4.3 A introdução do azulejo em Portugal

Na Espanha, o azulejo atingiu seu ápice em Andaluzia, cidade em que foi amplamente difundidos na área decorativa, com motivos geométricos, abstratos e estilizados. Em Portugal, devido a expulsão dos mouros, os portugueses continuaram a fabricar os azulejos, assim como outros países, como a Itália, Holanda, Alemanha e Inglaterra.

Montenegro afirma que:

No entanto, o intercâmbio entre os artífices portugueses e os de diferentes regiões, e conseqüentemente, a alta qualidade artística fizeram desde o século XVII, com que Portugal ficasse conhecida como o novo mundo da cerâmica (1999, p. 15).

Lisboa foi o principal centro produtor de azulejos e o que mais contribuiu para a divulgação deste material decorativo à escala continental, insular e colonial. Desempenhou um papel primordial desde os meados do XVI até o início do século XIX. Durante os séculos XVII e XVIII, Portugal produziu em suas olarias inúmeros painéis de azulejos destinados a revestir igrejas e palácios das ilhas do Atlântico, dos Açores, Madeira e no Brasil. O azulejo atinge no século XVIII o maior esplendor, estando à produção centralizada em sabiamente combinada e contendo emolduramentos específicos (VELOSO; ALMASQUÉ, 1979).

Ao longo de cinco séculos o azulejo se faz presente em Portugal de norte ao sul do país. Encontra-se nas cidades, nas vilas e nas aldeias, através das diversas formas de utilização, revestindo grandes superfícies, no interior das igrejas e nas fachadas dos prédios, encontramos também sob forma de alisares, salas e escadarias dos conventos e palácios. De acordo com Veloso e Almasqué (1979) outra forma de encontramos é sob as formas cartelas toponímicas registos de santos, pequenos painéis, estações de caminhos-de-ferro e interiores de estabelecimentos. Além das variadas formas de aplicação, o azulejo português se caracteriza por aspectos originais, fabricado e utilizado como elemento decorativo. O azulejo no campo das artes plásticas foi considerado como uma arte popular, produzido quase sempre por artífices, mas mesmo assim conseguiu adquirir aspectos suntuosos e monumentais, integrando-se perfeitamente entre o ornamento e a estrutura.

“ Em nenhum outro país europeu, como em Portugal, o azulejo conheceu tanto desenvolvimento, quer quanto à forma, quer quanto à função, numa utilização primordialmente arquitectónica e sempre mais que meramente decorativa.” - “a azulejaria desempenhou, entre os séculos XV e XVIII, um papel amplamente complexo na transformação dos espaços arquitectónicos portugueses, homogeneizando-os e regularizando-os pela introdução de escalas correctoras” (MECO, 1999. p.07)

Durante os séculos XVII e XVIII, aconteceram grandes construções de igrejas e palácios nas ilhas do Açores, na Madeira e no Brasil, portanto grandes encomendas foram feitas as olarias portuguesas, as mesmas produziram numerosos painéis destinados a revestir esses edifícios. Nessa época o azulejo era fabricado e utilizado para revestimentos internos. Muito raramente utilizado para revestimentos externo, afirma Veloso e Almasqué (1979).

Portugal viveu uma situação bastante difícil, encontrava-se então no limiar de um dos períodos mais críticos da sua história. As invasões das francesas, a independência do Brasil e a abertura dos portos brasileiros ao comércio livre, impediram que continuássemos a ser o único ou o principal fornecedor de azulejos para a antiga colônia. Outros produtores, entre os quais a França, a Itália e a Holanda passaram a substituir-nos e de tal forma o fizeram que

procuraram até copiar alguns padrões que eram fabricados pelos oleiros portugueses. (VELOSO; ALMASQUÉ, 1979)

Os azulejos foram muito utilizados nas fachadas das edificações portuguesas e se tornaram parte da identidade histórica e cultural do país. Por mais que ele não seja historicamente um produto originário de Portugal, o uso decorativo de azulejos em fachadas é totalmente inseparável da vida cotidiana, vida cultural e vida urbana dos habitantes em todo o território lusitano, sendo utilizado por cinco séculos consecutivos (PŘICHYSTALOVÁ, 2007).

4.4 A Introdução dos azulejos no Brasil

A utilização de azulejo na arquitetura brasileira iniciou-se como revestimento de barras decorativas e posteriormente em fachadas inteiras. Este processo foi uma herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil. Assim, começa uma nova época histórica, com a mudança da Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, com manifestações de ordem econômica, política e social, um período de espantoso desenvolvimento urbano e evidentemente uma repercussão na arte (SIMÕES, 1965).

Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos Portugueses (1999), afirma que a Bahia possui a maior concentração de azulejos históricos portugueses no Brasil. Em seguida destacam-se os Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, e as cidades de São Luís e Belém do Pará, sendo que nessas últimas cidades, encontram-se grandes quantidades de revestimentos em fachadas.

Na primeira metade do século XVII, independente das dificuldades de transporte e dos elevados preços dos azulejos, este tipo de revestimento foi muito empregado na decoração arquitetônica do Brasil Colônia. Nesta época os azulejos eram todos importados de Portugal, pois não existia produção deste tipo de material aqui no Brasil (AMARAL, 2002).

Empregaram-se os azulejos com a mesma abundância e obedecendo aos mesmos esquemas da Corte, mas com uma única inovação é a aplicação de azulejos às fachadas, o que vem determinar, com o decorrer do tempo. No Brasil são numerosos os exemplares, que marcam a arquitetura do Nordeste, mas também esta bem representada no país, com igualdade de valor, desde a Paraíba até o Rio de Janeiro, como exemplos mais significativos os azulejos do Convento de Nossa Senhora das Neves (Olinda), Convento de Santo Antônio (Recife), Capela Dourada (Recife), Convento Franciscano em Igarçu (PE), Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira (BA), Ordem Terceira de São Francisco (Salvador), Nossa Senhora da Glória

do Outeiro e Convento de Santo Antônio (Rio de Janeiro), etc. Assim como também nos edifícios civis como do antigo Solar do Saldanha em Salvador, considerado um dos mais notáveis exemplares da arquitetura civil brasileira (SIMÕES, 2001).

A utilização de azulejos como revestimento vem garantir a proteção eficaz contra as intempéries deste país tropical, com abundância de chuva e a ação do sol. Segundo Santos Simões (1965) é precisamente no Brasil, e ainda no século XVIII, que o azulejo sai dos interiores e vai revestir as fachadas, tornando-se um elemento decorativo.

4.5 A Introdução do azulejo no Maranhão

São Luís no século XVII viveu um período prolongado de economia de subsistência, devido à falta de uma base econômica sólida, com isso os colonos viviam em condições de abandono e miséria, logo usavam nas construções materiais precários, estes dados são retirados dos registros da historiografia dos azulejos no Brasil (AMARAL, 2002) .

A solução que os jesuítas encontraram para obter lucros era utilizar a mão de obra indígena, essa maneira de agir, criou conflitos entre colonos e Padres da Companhia. A situação da Colônia na época é transcrita nas Cartas da Câmara de São Luís e um trecho da carta do Padre Antônio Viera, na obra de Jerônimo de Viveiros (1992), onde relata a situação, “em todo o Estado, exceto na Capital, não há açougue, nem horta, nem tenda onde se vendessem as coisas usuais para o comer ordinário sem ainda um arratel de açúcar com que se fazer na terra” (Pe. Antônio Vieira) (ALCÂNTARA, 2001).

[...] “Se de fato, forem azulejos, ficamos sabendo que, apesar da pobreza local, a capela –mor da “igreja velha”, e edificada pelo Pe. Luís Figueiras, em 1627, e demolida em 1692, “cobria-se de azulejos” (ALCÂNTARA, 2008).

Diante da situação econômica de São Luís na época, subtende-se que o Maranhão não recebeu azulejos antes da criação da Companhia Grão-Pará e Maranhão, sendo que os jesuítas controlavam a economia da região, portanto podem ter sido encomendados painéis para as igrejas (MOURA, 1998).

4.6 Azulejos em São Luis

O século XVIII trouxe a São Luís uma fase áurea de desenvolvimento, graças ao cultivo do algodão. Começa nessa época a importação de azulejos para São Luís, sendo utilizados como revestimentos internos, nas igrejas e nos prédios civis de pessoas abastadas. Sabemos muito pouco, sobre importações de azulejos para São Luís, a notícia que temos, é

que foi, na segunda metade do século XVIII, chegaram azulejos para serem aplicados como revestimentos internos nas igrejas e conventos. Conforme citação de um dos capítulos do livro Aspectos do Comercio do Brasil e de Portugal no fim do sec. XVIII e começo do sec. XIX trata da situação do Maranhão sobre o aumento de importações no ano de 1798, diz que, “chegavam a São Luís cerca de 107.402 azulejos de Portugal, a \$ 040” conforme os dados contidos na “Balança Geral do Comércio do Reino de Portugal, nos anos de 1798 a 1800” (ALCÂNTARA, 1980).

[...] Em 1798, somente o Maranhão importou azulejos, vindo de Lisboa, tinham um valor total de 4...296\$080 (ALCÂNTARA, 1980).

A primeira notícia sobre a utilização de azulejos em São Luís, provavelmente teria sido na atual Igreja da Sé, onde os azulejos foram aplicados no revestimento de um túmulo, no interior da antiga capela-mor. Segundo a historiadora Dora Alcântara (1980) “A única referência a azulejos e, assim mesmo, um pouco duvidosa devido à tradução, é sobre os que existiram na capela-mor do Colégio de N. S. da Luz”. Continua a fazer referencia a outro autor, “É ainda Bettendorf que, notificando a morte do Pe. Amodei em 1647, escreve: “Foi sepultado na capela –mor da Velha Igreja do Colégio de N. S. da Luz do Maranhão. Bem no meio da dita capela, debaixo da lâmpada, cobrindo-se aquela de uns azulejos em forma de estrelas”- citado pelo Padre José de Moraes (ALCÂNTARA, 1980).

4.7 Azulejos de Fachadas

De acordo com (SIMÕES,1995) os brasileiros foram os primeiros a utilizarem o azulejo nas fachadas dos imóveis na intenção de proteger, conservar e impermeabilizar as edificações das ações do clima quente e úmido do Brasil. Para tanto, importaram de Portugal e de outros países os azulejos decorativos que hoje faz parte do patrimônio azulejar do país.

Vários estudos comprovam que o azulejamento de fachada iniciou-se em São Luís por volta de 1800. Segundo Santos Simões a primeira edificação civil que recebeu azulejo em São Luís foi um sobrado à Rua Osvaldo Cruz, no ano de 1800 (MOURA, 1998).

Segundo a historiadora Dora Alcântara (1980), o azulejamento de fechada não deve ter acontecido anterior ao ano de 1843, porque a mais antiga informação sobre a venda de azulejos a cores data de 10-01-1843, na Rua de Nazaré, nº 08, casa do Sr. Raimundo Carlos Ribeiro. Diante desses dados supõe-se que o azulejamento de fachadas começou só a partir do ano de 1845. “Quanto ao azulejamento de fachadas em São Luís, iniciou-se a partir do segundo quartel do século XIX” (ALCÂNTARA, 1997).

No início do século XIX, o azulejo passa a ter uma nova utilização, passaria a revestir superfícies exteriores de edifícios religiosos e civis. Embora a grande maioria dos azulejos que revestem as fachadas dos casarões da cidade seja de origem portuguesa, mas não vieram para o Maranhão só azulejos de Portugal, como também de outros países como Bélgica, Alemanha, Espanha, França, e Holanda. Isto aconteceu graças à abertura dos portos do Brasil ao comércio com as nações amigas de Portugal, no ano de 1808 (LIMA, 2012).



Fig. 01 Rua Portugal, 303
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

As fachadas dos prédios são revestidas com azulejos nas técnicas da estampilha, decalcomania e relevo, algumas contornadas por cercaduras, outras por frisos. Mas a grande maioria das fachadas é revestida com azulejos na técnica estampilha por ser um processo mais rápido de decoração (LIMA, 2012).

Dentre as colônias portuguesas, foram certamente no Brasil que o azulejo melhor se adaptou ao clima tropical e a uma nova função decorativa, hábito e gosto herdado dos portugueses há mais de duzentos anos quando se deram as invasões francesas no início do século XIX. No Maranhão não foi diferente, o azulejo foi amplamente utilizado e absorvido, inicialmente como um elemento decorativo, logo após, teve a função utilitária, no sentido de

proteção das paredes contra o excesso de umidade provocado pela intensidade das chuvas que ocorrem em nosso estado durante o período chuvoso.

Em 1959 a historiadora Dora Alcântara verificou a existência de 270 prédios de fachadas azulejadas do padrão do século XIX, porém em 2004 durante a realização do Inventário Azulejar de São Luis foi catalogado apenas a existência de 217 prédios com revestimento azulejar de fachada (LIMA, 2012).

“Os azulejos de fachada desempenham, na arquitetura urbana portuguesa, um papel simultaneamente funcional e decorativo, constituindo parte importante do nosso patrimônio” (VELOSO; ALMASQUÉ, 1979).



Fig. 02 Rua da Estrela, 50

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

O uso do revestimento cerâmico de fachada tem sido uma prática cada vez mais frequente no Brasil, principalmente nas regiões litorâneas. Além de ser bastante atrativo pela baixa manutenção requerida e pelo padrão de acabamento e conferido à edificação no Nordeste, há uma valorização de natureza cultural aos edifícios com revestimento cerâmico (DUAILIBE; CAVANI; OLIVEIRA, 2005)

As fachadas das edificações foram azulejadas com diversas técnicas, as mais utilizadas foram à estampilha, decalcomania e relevo, possuindo cercaduras e frisos. Alcântara destaca que: “é pouco usual a combinação de 2 padrões diferentes. Quando ocorre às vezes, é na marcação do embasamento do prédio” (ALCÂNTARA, 2008).



Fig. 03 Casa térrea com azulejos em decalque
Rua de Santana, 318



Fig. 04 Casa térrea com azulejos em relevo
Rua do Ribeirão, 68

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 05 Porta e janela com azulejos estampilhado
Rua da Inveja, 72

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Da segunda metade do século XIX a cercadura e o azulejo de padrão foram decorados com a técnica da estampilha variando de tamanho entre 13x13 até 13,5x13,5, apresentando ornatos diversificados como florais, de repetição de quatro azulejos formando um padrão (BARATA, 1955).

Ressalta (CASTRO, 2012), que nos azulejos de fachada os padrões, na maioria dos casos, são constituídos por 4 azulejos iguais ou seja padrão 2 X 2 (dois por dois). Este é o tipo mais comum aqui em São Luís.

5 ACERVO AZULEJAR



Mapa Áreas de Tombamento Mundial, Federal e Estadual
 Fonte: FIGUEIREDO, VARUM e COSTA, 2012.

São Luís possui um conjunto azulejar de reconhecido valor histórico, artístico e paisagístico. O Centro Histórico de São Luís, local onde se concentra o maior número de imóveis com azulejos antigos remanescentes dos séculos XVIII e XIX e até meados do século XX. As edificações maranhenses possuem em suas edificações, azulejos procedentes de vários países da Europa, mas a grande maioria é de procedência portuguesa.

O Centro Histórico de São Luís, com área de aproximadamente 220 hectares, é formado pelo conjunto arquitetônico e paisagístico tombado pelo governo Federal e Estadual, compreende uma área contínua do Cais da Sagração até as imediações da Praça Deodoro (sentido oeste-leste) e da Praça Gonçalves Dias aos bairros de São Pantaleão e Madre Deus (sentido norte-sul) (FIGUEIREDO, 2004)

Possui o maior conjunto arquitetônico colonial da América Latina, com aproximadamente 5.600 imóveis, dos quais 3.000 prédios no Centro Histórico, 428 prédios entre civis e religiosos com azulejos antigos, procedentes de Portugal, Inglaterra, França, Espanha, Bélgica e Alemanha (LIMA, 2012).

O acervo azulejar constitui uma riqueza de um valor imensurável, ocupa um lugar de destaque não só no patrimônio azulejar brasileiro, como também no patrimônio mundial, por sua quantidade de imóveis com azulejos, diversidade de estilos e técnicas de decoração.

As fachadas e frentes dos mirantes também foram azulejadas e as técnicas mais utilizadas foram à estampilha, decalcomania e relevo possuindo cercaduras e frisos.

O acervo azulejar brasileiro é de extrema importância para o país e também para o patrimônio mundial, pois retrata a trajetória de uma vertente da cerâmica, sendo o azulejo o objeto avaliado e originado, em grande parte, em Portugal, assim como Holanda, França e no próprio Brasil. Infelizmente, o nosso precioso acervo está sendo degradado e perdido, e para que esse processo seja interrompido é necessária uma política de educação patrimonial, de esclarecimento à comunidade sobre o significado de patrimônio, da conservação, da preservação e da restauração, procurando também deixar claro que o monumento, a obra de arte, antes de tudo, deve ser preservada e conservada, para não ser restaurada (MACHADO, 2009).



Fig. 06 Acervo Azulejar do Centro Histórico, Rua Portugal
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

Com o decorrer dos anos, esse acervo vem sofrendo um processo de deterioração constante, que podemos observar através do estado precário de conservação em muitos dos imóveis do Centro Histórico de São Luís- MA.

5. 1 Degradação do Patrimônio Azulejar

“O homem, como ser social e natural é detentor de conhecimentos, historicamente vivenciados e valores socialmente construídos, tem o poder de agir, criar. Atuar e recriar seu modo de relacionamento com o meio social e natural, não esquecendo que é no microcosmo (local) é que se baseia o fator participativo da gestão ambiental” (GRACIANI, 2003).

Ainda o autor diz que:

“Será por meio de uma consciência do nosso papel de cidadãos comprometidos com a preservação da natureza e de seus recursos que estaremos adotando uma postura ética, filosófica e ecológica rumo a cidadania planetária e a melhor qualidade de vida para todos” (GRACIANI, 2003, p. 18)

Conforme o estudo feito pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC (2011) sobre degradação física dos azulejos antigos, verifica-se o seguinte princípio enunciado com base na observação visual de numerosos casos, tanto em azulejo pré-industrial como em azulejos de fachada as condições climáticas referente à cidade de Lisboa.

“A degradação física dos azulejos resulta da concorrência simultânea de uma agressão externa e de uma fragilidade do azulejo decorrente da sua fabricação” (LNEC, 2011).

Conforme estudos de (AGUIAR,1995) os principais mecanismos de degradação do azulejo e suas causas são o desaparecimento do vidrado, que ocorre por presença de sais, de líquenes, ação do homem e resultados de ações físicas diretas (englobando o vandalismo humano, o efeito do uso continuado dos espaços, efeitos do processo de limpeza corrente de pisos e superfícies, etc.); ou pelo desprendimento do suporte que pode ter como causa a perda de coesão da argamassa de assentamento, ou, a introdução de plantas ou raízes no tardo ou ainda a infiltração de água.



Fig.07 Rua do Sol, 202



Fig.08 Rua São Pantaleão, 350

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

As degradações de natureza química, decorrentes, por exemplo, da dissolução, transporte e recombinação de íons presentes no vidrado, ou de ataques ácidos em atmosferas

agressivas, estão fora do âmbito deste trabalho. As degradações de natureza biológica devidas a colonizações em ambientes úmidos estão também para além do presente objetivo embora seja de referir, dada a sua relativa frequência, que os azulejos de pó de pedra com vidro transparente podem sofrer de uma patologia que consiste na ocorrência de manchas negras ou castanhas sob o vidro, por vezes com desenvolvimento dendrítico, que obscurecem ou obliteram a decoração e são provavelmente devidas a uma colonização biológica (LNEC, 2011).



Fig. 09 Rua das Hortas, 322
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012



Fig. 10 Rua do Giz, 426

Os últimos dados que temos sobre a perda dos revestimentos das fachadas do Centro Histórico, comprovado através de fichas e fotografias mostram que “com o decorrer dos anos muitos azulejos foram danificados e perdidos, por inúmeros motivos, inclusive pelo desconhecimento do seu valor histórico”. Verificou-se a perda do revestimento azulejar não só nas fachadas, mas também nas outras formas de aplicação como silhares, barras, adornos e outros. O total foi de 110 imóveis que sofreram perda azulejar, 75 perderam completamente os azulejos originais e outros 33 sofreram perda parcial (LIMA, 2012)

Em grande parte das edificações ocorrem praticamente todos os processos de degradação em questão. Conforme as Fichas de Informações Básicas dos Sítios e Conjuntos Urbanos de Monumentos Nacionais (BRASIL, 2005) podemos identificar os fatores de degradação, tais como: desenvolvimento econômico não acompanhado por controle do uso do solo; presença de empreendimentos causadores de impacto ambiental; turismo predatório não acompanhado por política preservacionista e outros.

5.1.1 Patologias

“As patologias nos revestimentos cerâmicos podem ter origem na etapa de projeto, quando são escolhidos os materiais, ou quando o projetista não leva em consideração as interações do revestimento com outras partes da construção”. Verificar com cuidado, pois as patologias são evidenciadas por alguns sinais que podem ter origem em outros componentes de revestimento (base, mão-de-obra, etc.)”(COMUNIDADE DA CONSTRUÇÃO, 2004).

De acordo com (BAIA e SABATTINI 2000), a patologia dá-se quando uma parte do edifício, em algum momento de sua vida útil, deixa de apresentar desempenho previsto. As manifestações patológicas nos revestimentos cerâmicos podem ter origem na fase de projeto quando são escolhidos materiais incompatíveis com as condições de uso, ou quando os projetistas desconsideram as interações do revestimento com outras partes do edifício (esquadrias, por exemplo), ou na fase de execução quando os assentadores não dominam a tecnologia de execução, ou quando os responsáveis pela obra não controlam corretamente o processo de produção. As manifestações patológicas são evidenciadas por alguns sinais que, embora muitas vezes apareçam em alguns componentes, podem ter origem em outros componentes de revestimento.



Fig. 11 Vegetação na fachada - Rua do Giz, 53
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

Muitas vezes a patologia e as anomalias que se verificam nos revestimentos com azulejos são diretamente provocadas pelo mau estado de conservação do edifício onde se integram. É, portanto primordial que se observe e analise com o suficiente cuidado o estado geral de conservação dos imóveis para que se possa sustentar um diagnóstico credível e prescrever as terapêuticas necessárias à conservação e eventual restauro de painéis de azulejos

As ocorrências de manifestações patológicas nos sistemas de revestimento de fachadas de edifícios têm como causas e origens as mais diversas sendo de extrema dificuldade apontar somente uma origem ou causa. Na maioria dos casos, uma combinação de causas e origens pode ser a responsável pelo surgimento da manifestação patológica.

Segundo (GRIPP,2008), estas origens podem estar diretamente associadas à indefinições e deficiências do projeto arquitetônico e da falta de um bom e completo projeto de revestimento de fachada de edifícios. Os principais problemas que têm se manifestado nas fachadas, devidos à má preservação e falta de conhecimentos, são fissuras na interface das alvenarias com a estrutura e, como conseqüência, a ocorrência de infiltrações, destacamento dos revestimentos de argamassa e cerâmicos e envelhecimento precoce do empreendimento.

Conforme (SELMO, 1989), por ser o material que recobre a superfície das paredes, o revestimento, de um modo geral, é o primeiro elemento da edificação a sofrer a ação de agentes agressivos de origem natural ou oriunda da própria utilização do edifício.



Fig. 12 Detalhe da fachada onde foi retirada a árvore - Rua do Giz, 53

Fonte: Autora, 2013



Fig. 13 Fachada com fungos - Rua das Hortas, 277 Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

Para (CAMPANTE, 2001), as manifestações patológicas podem ser entendidas como situações nas quais, em determinado momento da sua vida útil, deixam de apresentar o desempenho esperado, ou seja, não mais cumprem funções para os quais foram projetados, deixando de atender às necessidades dos usuários. O autor se refere aos revestimentos cerâmicos, mas o conceito pode ser estendido aos diferentes materiais apresentados neste trabalho. Os problemas patológicos ocorrem com diferentes formas de manifestação, e podem ter origem em diferentes fatores, pois existe nos processos construtivos uma grande complexidade dos sistemas envolvidos. É preciso conhecer as características dos materiais, sua adequação de uso ao local, correto posicionamento de juntas, utilização de mão-de-obra treinada, controle do uso dos materiais no canteiro, para prevenir o surgimento de manifestações patológicas.

De acordo com Pedro et al., (2002), a origem das patologias pode ser classificada em: Congênitas que se originam da fase de projeto, em função da não observância das

Normas Técnicas, ou de erros e omissões dos profissionais, que resultam em falhas no detalhamento e concepção inadequada dos revestimentos; as Construtivas relacionadas à fase de execução da obra, resultante do emprego de mão-de-obra despreparada, produtos não certificado se ausência de metodologia para assentamento das peças; as Adquiridas que acontecem durante a vida útil dos revestimentos, sendo resultado da exposição ao meio em que se inserem, podendo ser naturais de correntes da agressividade do meio, ou de correntes da ação humana; e, as Acidentais que se caracterizam pela ocorrência de algum fenômeno atípico, resultado de uma solicitação incomum.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra do estudo foi composta de 10 imóveis que após observação e coleta de dados foram analisados e os resultados serão apresentados em seguida.

1º Imóvel



Fig. 14 Praça João Lisboa, 37 - Fachada com azulejos estampilhados
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia arquitetônica

Sobrado com três pavimentos e mirante, duas fachadas revestidas de azulejos e contornada por frisos de origem portuguesa do século XIX, na técnica da estampilha, em dois tons de verde: claro e escuro, desenho com motivos fitomórficos. Com tombamento de conjunto Federal e Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de conservação

Ruim. O prédio encontra-se mal conservado, parte da alvenaria sem pintura, fiação elétrica exposta, placas e panfletos colados nos azulejos.



Fig.15 Azulejo estampilhado

Fonte: Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig.16 Friso estampilhado

:



Fig. 17 Azulejo de padrão 2 x 2 Praça João Lisboa, 37

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia dos azulejos

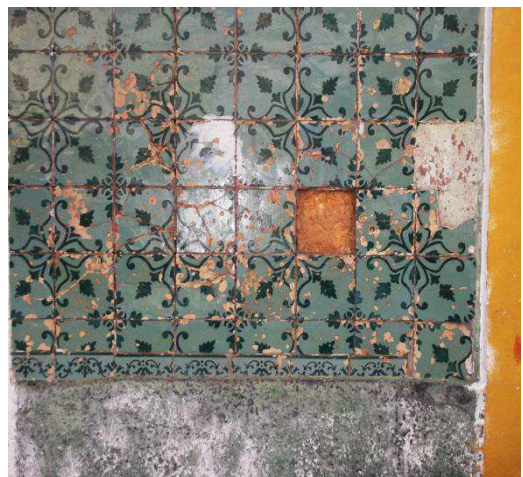
Análise

Azulejo de padrão estampilhado procedência portuguesa, medindo 13,5 X 13,5cm, e friso medindo 6,75 X 13,5cm, fachada com algumas peças faltantes, tanto na fachada principal como na lateral direita, em acelerado processo de degradação, devido a infiltrações e intempéries.

Estado de conservação

Os azulejos estão em estado de fragilização com perda de vidrados, fraturas, perda parcial de chacota e muita sujidades.

Ao se tratar da origem das causas da deterioração o químico (PERREIRA,2012), diz que, as causas internas de degradação das estruturas de suporte são igualmente perigosas. As paredes recebem água por ascensão através de hidroscoopia capilar, dissolvendo sulfatos e sais solúveis ativando os ciclos iônicos, fragilizando o corpo cerâmico, provocando fissuras nos vidrados, aflorações pulverulentas dos materiais estruturais e desintegração das pinturas. As goteiras e infiltrações provocam danos irreparáveis ao patrimônio arquitetônico, as estruturas parietais intumescem e dilatam-se provocando rachaduras, às vezes desabando, arruinando o prédio e rasgando a história cultural da cidade.



Figs. 18, 19, 20 e 21 Estado de Conservação dos azulejos da fachada

Fonte: Autora, 2013

Estudos anteriores detectaram a perda acelerada do patrimônio azulejar nos últimos 30 anos. São inúmeras as causas e os fatores que justificam o estado de degradação que se encontra o patrimônio cultural, não somente pela falta de conservação e pela falta de intervenções adequadas, mas também, pelo desconhecimento do valor histórico e artístico do patrimônio azulejar.

2º Imóvel



Fig. 22 Rua Grande, 1032 - Fachada com azulejos de decalque contaminados por fungos
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia arquitetônica

Prédio térreo com fachada total revestida com azulejo e frisos de origem alemã do final do século XIX e início do XX, na técnica decalcomania, na cor branca e marrom. Com Tombamento de Conjunto de Estadual. Estilo arquitetônico: Eclético

Estado de conservação

Bom. O prédio encontra-se bom estado de conservação, a fachada não tem peças de reposição.

Conforme (PEREZ, 1985) a umidade nas construções representa um dos problemas mais difíceis de serem corrigidos dentro da construção civil. Essa dificuldade está relacionada à complexidade dos fenômenos envolvidos e à falta de estudos e pesquisas. Os problemas de umidade quando surgem nas edificações, sempre trazem um grande desconforto e degradam a construção rapidamente.

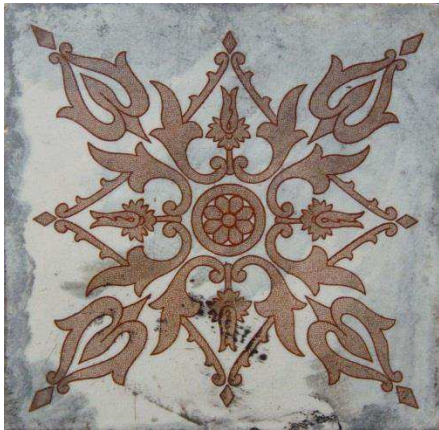


Fig. 23 Azulejo em decalque

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

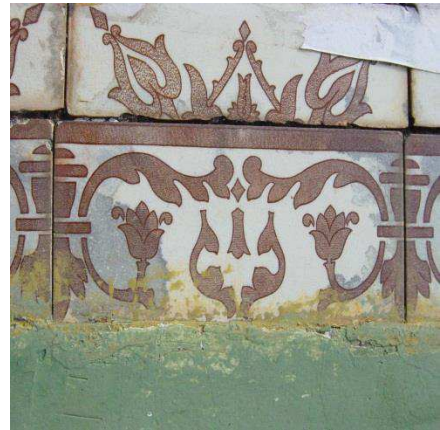


Fig. 24 Friso em decalque



Fig. 25 Azulejo de padrão único – Rua Grande,1032

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Estado de conservação

Análise

Azulejo de decalque procedente da Alemanha, nas cores marrom e branca medindo 14,3 X 14,3cm. Apresenta fachada com revestimento azulejar, em moderado processo de degradação, devido microrganismos, intempéries e infiltrações. Os azulejos apresentam manchas de fungos e algas nas extremidades dos azulejos.

Conforme estudos de (GRIPP, 2008), diz que nos revestimentos de fachadas, as patologias se caracterizam por modificações na cor original, manchas, eflorescências, degradação, fissuras, bolor, queda de resistência mecânica, desgaste, descolamento do revestimento, entre outras, e na maioria dos casos estas patologias podem ser evitadas ou minimizadas, se na fase de projeto forem definidos os materiais mais adequados e as técnicas de execução mais apropriadas.

3º Imóvel



Fig.26 Fabrica Martins - Largo do Santiago, no ano de 2004
Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia arquitetônica

Sobrado com dois pavimentos, fachada revestida com azulejo e contornada por frisos de origem portuguesa, azulejo conhecido como “estrela e bicha”, decorado na técnica estampilha, na core azul e branco. Prédio funcionou a Fabrica de Algodão no século XIX, com Tombamento Conjunto Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de conservação

Ruínas. O sobrado encontra-se em péssimo estado de conservação, a maior parte da estrutura arquitetônica, não existem mais, muitas peças faltantes, fachada com mais de 50% de perda do revestimento azulejar. Este prédio encontra-se em ruínas, todo telhado foi retirado deixando assim o revestimento azulejar mais exposto a infiltrações. Este é um exemplo de prédio que necessita de restauração como medida emergencial.

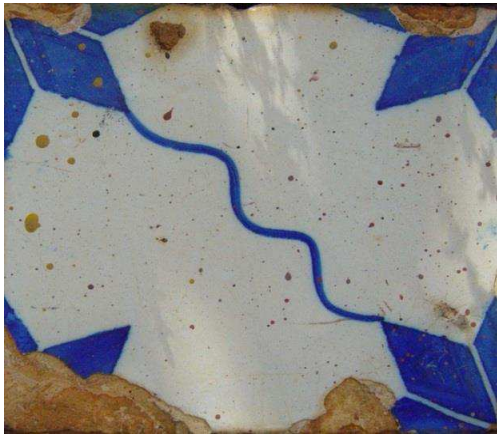


Fig.27 Azulejo estampilhado

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 28 Friso estampilhado



Fig.29 Azulejo de padrão 2 X 2

Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Estado de conservação

Análise

Azulejos e frisos estampilhados de procedência portuguesa, nas cores azul e branca, medindo 13,5 X 13,5 cm e frisos com 6,75 X 13,5 cm.. Apresenta fachada em

acelerado estado de degradação devido à vegetação, infiltração, microrganismos, vandalismo, intempéries e abandono.

Segundo (BRASIL,2005) no processo de degradação destaca-se situações relevantes referentes a edifícios, a conjuntos de edifícios ou a trechos do sítio, tais como: processos erosivos, infiltrações, má conservação, ataque por insetos xilófagos, instalações elétricas e outros. Em grande parte das edificações, ocorrem praticamente todos os processos de degradação em questão.



Fig. 30 Fachada da Fabrica Martins - Largo do Santiago
Fonte : Autora, 2013

Destaca o químico (PEREIRA, 2012), as causas de degradação podem ser externas e internas, agridem a integridade física dos azulejos que integram a arquitetura. Os danos externos estão relacionados com as radiações solares, os efeitos dos raios ultravioletas, as mudanças climáticas equatoriais bruscas com variações de temperatura e precipitações de chuvas, a grande acumulação de umidade no solo e no ar, além de uma névoa salina que envolve as ilhas oceânicas, como São Luís, provocando efeitos físico-químicos nos materiais, como uma estufa com alteração de calor e circulação de vapor ativando o processo de envelhecimento da azulejaria no decorrer dos anos.

Estes azulejos encontram-se em processo de deterioração devido a umidade, a falta de conservação e o abandono, causando problemas como destacamento de vidrados, fraturas, fissuras, desagregação da chacota e do suporte arquitetônico, tinta sobre os azulejos e muita sujeira.

4º Imóvel



Fig.31 Rua do Giz, 426 - B

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia arquitetônica

Meia morada com fachada de azulejos e frisos portugueses, medindo 13,5 X 13,5 cm e friso com 6,75 X 13,5 cm, azulejo do século XIX, na técnica da estampilha, nas cores azul, amarelo e branco, inspirado possivelmente nos azulejos alicatados. Tombamento de Conjunto Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de Conservação

O prédio encontra-se em péssimo estado de conservação, devido vegetação, infiltração, microrganismos, vandalismo, intempéries e restauro mal feito. A fachada do prédio está com a estrutura bastante danificada, com a perda de mais de 25% do revestimento azulejar, cujas lacunas foram preenchidas com cimento.



Fig. 32 Azulejo estampilhado
Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 33 Friso estampilhado



Fig. 34 Azulejo de padrão único
Fonte: Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Estado de conservação

Análise

Regular. Os azulejos encontram-se em processo de fragilização devido diversas causas como, microrganismo, intempéries, vandalismo e infiltração causada pelo gotejamento de plantas no telhado, provocando nos azulejos, fissuras, destacamento do vidrado e da chacota.

A fachada encontra-se fortemente deteriorada, em consequência da ação da umidade, causada por chuvas e infiltrações, e agravada pela falta de conservação do imóvel. A presença de vegetação no telhado e nas frinchas de rejuntamento dos azulejos também contribuiu para o estado de desagregação dos mesmos. Devido a fragilização das argamassas de assentamento ocorreu o estufamento dos azulejos do suporte arquitetônico, assim também como o descolamento da camada vítrea de alguns dos azulejos. Grande parte do revestimento azulejar da fachada foi perdida.



Fig. 35 Lacunas preenchidas com cimento Portland Fonte: Autora , 2013

LIMA, (2012) afirma que os azulejos sofrem acentuado processo de fragilização com perda de vidrado provavelmente em consequência de sais solúveis nos azulejos dos ciclos de chuva que favorecem o aparecimento de organismo vivo (vegetação) com ação devastadora.

5º Imóvel



Fig. 36 Rua Rio Branco, 404 - no ano de 2004
 Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

Tipologia arquitetônica

Morada inteira, com fachada total revestida de azulejo e contornada por frisos, na técnica da estampilha, de procedência portuguesa, século XIX, nas cores azul e branco, azulejo medindo 13,5 X 13,5 cm e friso com 6,75 X 13,5 cm, desenho com motivo fitomórficos. Tombamento de Conjunto Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se em péssimo estado de conservação, estabilizado e isolado as portas e janelas com tijolos e argamassa de cimento. Algumas peças faltantes no tapete.

Segundo (CURVAL,2008) em situação semelhante encontra-se a azulejaria do Rio Grande do Sul que apresenta também a maior parte de suas peças em um estado precário e, muitas de suas patologias são causadas pela ação do homem. Na década de 70, a especulação imobiliária gerou a degradação imediata de muitos prédios, sobretudo na capital

do estado, Porto Alegre. Prédios com fachadas recobertas de azulejos portugueses foram levados ao chão em resposta ao crescimento urbano e ao conseqüente aumento da construção civil.



Fig. 37 Rua Rio Branco, 404
Fonte: Autora, 2013



Fig. 38 Azulejo estampilhado
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 39 Friso estampilhado



Fig.40 Azulejo de padrão 2 X 2 - Rua Rio Branco, 404
Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Estado de Conservação

Análise

Azulejo estampilhado de procedência portuguesa com fachada revestida em azulejo, em moderado processo de degradação, devido microrganismos, vandalismo, intempéries e infiltrações nas extremidades dos azulejos, oriundas do telhado.

Os azulejos apresentam perda de vidrado, colagens de publicidade, pichações, sujidades, micro fraturas, destacamento de vidrado e perda da chacota.



Fig.41 Azulejo de padrão 2 X 2 - Rua Rio Branco, 404
Fonte : Autora, 2013.

6º Imóvel



Fig. 42 Rua do Giz, 167

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012

Tipologia arquitetônica

Prédio térreo de uso comercial, com fachada total revestida com azulejos e contornada por frisos, na técnica marmoreada, nas cores branca e vinho claro, medindo 13,5 X 13,5 cm e frisos com 6,75 X 13,5 cm, de origem portuguesa, do século XIX, barra na parte inferior da fachada com azulejos na técnica esponjados, na cor branca e vinho. Tombamento de Conjunto Federal e Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se em péssimo estado de conservação, com perda azulejar em torno de 60 % do revestimento azulejar. Existem instalações hidráulicas e ferragens pregados em cima dos azulejos. Outras causas de deterioração encontram-se no suporte arquitetônico como microrganismo, intempéries e vandalismo.

Este imóvel faz parte de um acervo de 5 imóveis dessa rua, onde a decoração do azulejo imita os veios mármore, que é feito com o pincel.



Fig. 43 Azulejo marmoreado
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 44 Friso marmoreado

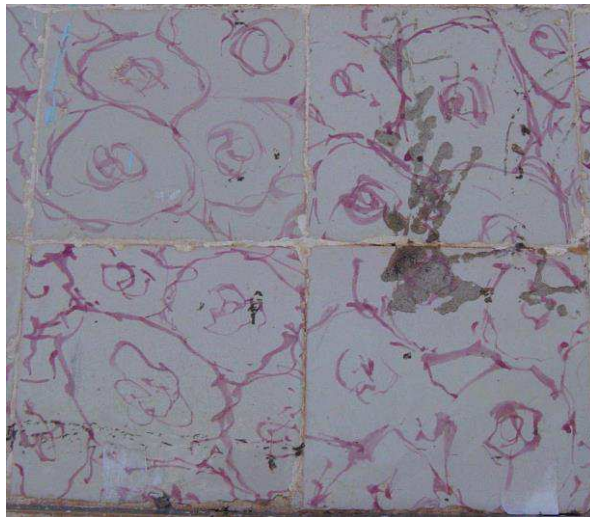


Fig. 45 Azulejo de padrão único
Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Estado do de Conservação

Análise

Péssimo. A fachada com revestimento azulejar, está em processo acelerado de degradação, devido infiltrações e microrganismos nas extremidades dos azulejos, vandalismo, roubo e colecionismo. Os azulejos apresentam destacamento de vidro, perda de chacota, manchas de tintas e algas.



Fig. 46 Detalhe do preenchimento com cimento Portland
Fonte: Autora, 2013



Fig. 47 Detalhe da fachada

Conforme (MENDONÇA,2001), as patologias do substrato seriam principalmente, originadas, pela migração dos sais solúveis da parede onde os azulejos estão aplicados. E que o sal, é um dos ingredientes mais danosos, já que a simples migração de água, facilita a proliferação de microflora. A tensão de cristalização nos poros do biscoito vem provocar a expulsão do vidrado e a destruição do desenho. O autor continua a dizendo que é, também do substrato poderíamos apontar os desprendimentos dos azulejos por escassa qualidade de argamassa de assentamento e/ou fenômenos vibratórios.

7º Imóvel



Fig.48 Rua da Manga, 162
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia Arquitetônica

Sobrado com dois pavimentos, fachada revestida com azulejo português e contornada por frisos de origem portuguesa, século XIX, na técnica da estampilha, nas cores azul e branco, inspirado possivelmente nos azulejos alicatados. Tombamento de Conjunto Estadual. Estilo Arquitetônico: Tradicional Português.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se em péssimo estado de conservação, em situação de abandono, habitado por moradores de rua, faltam porta e janela, ferragens de suporte para fiação elétrica e vegetação no suporte arquitetônico.



Fig. 49 Fachada azulejada em processo de deterioração

Fonte : Autora, 2013.

De acordo com (PEREIRA,2012) os principais agentes do processo deteriorativo do acervo azulejar são danos irreversíveis que afetam esse patrimônio arquitetônico e valioso, necessitando, portanto de cuidados urgentes para salvação do que resta da memória preciosa dessa arte decorativa, para assim manter condição de ser visto e apreciado com todo seu valor e beleza artística cultural.



Fig. 50 Azulejo estampilhado

Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 51 Friso estampilhado

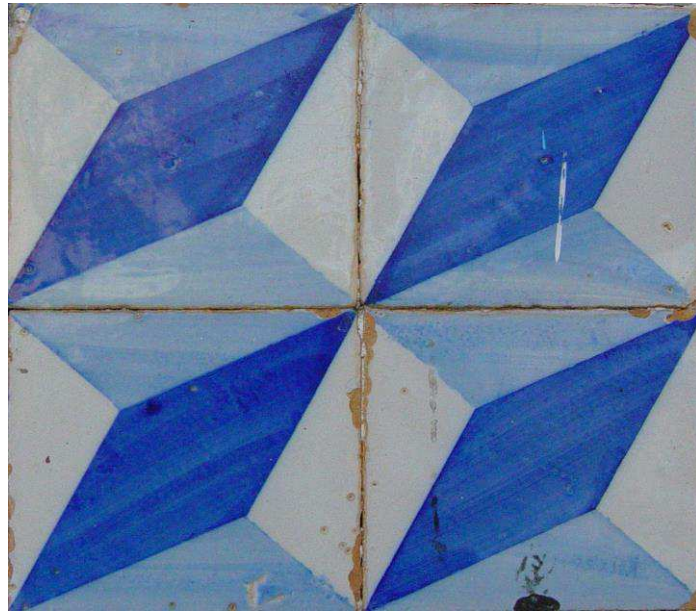


Fig. 52 Azulejo de padrão único - Rua da Manga, 162
Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia do Azulejo

Análise

Azulejo estampilhado oriundo de Portugal com fachada com perda de alguns azulejos originais e reposição de algumas peças em azulejo industrial na cor branca, azulejos em acelerado estado de degradação, provocada por microrganismos e infiltrações nas extremidades dos azulejos, vegetação nas portas e janelas.

Os azulejos apresentam muita sujidade, micro fraturas, destacamento de vidrado, destacamento do azulejo no suporte arquitetônico com tijolos expostos na fachada.

8º Imóvel



Fig. 53 Rua da Manga, 48

Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia Arquitetônica

Casa térrea descaracterizada, possivelmente seria de tipologia “ porta e janela”. Com fachada revestida em azulejo português século XIX, na técnica da estampilha, nas cores azul e branca, contornada por azulejos substituindo frisos, nas cores amarela e branca.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se em péssimo estado de conservação, com infiltrações e vegetação descendo do telhado.

Percebe-se segundo (LNEC,2011) que a natureza biológica devido a colonizações em ambientes úmidos estão também frequentes em azulejos de pó de pedra com vidro transparente podendo sofrer de uma patologia que consiste na ocorrência de manchas negras os castanhas sob o vidro, por vezes com desenvolvimento dendrítico, que obscurecem ou obliteram a decoração e são provavelmente devidas a uma colonização biológica.



Fig.54 Azulejo estampilhado

Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

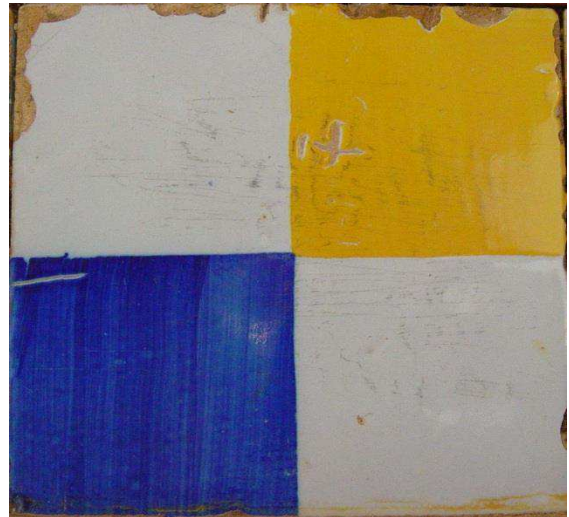


Fig. 55 Azulejo utilizado em substituição do friso



Fig. 56 Azulejo de padrão 2 X 2

Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia do Azulejo

Análise

Azulejo estampilhado de origem portuguesa. Apresenta fachada em estado acentuado de degradação, com bastante perda de vidrado e destacamento dos azulejos do suporte arquitetônico, provocada por infiltrações nas extremidades dos azulejos e vegetação.

Os azulejos estão com bastante perda de vidrado, apresentam micro fraturas, colagens e perda algumas peças originais da fachada.

9º Imóvel



Fig. 57 Fachada azulejada pintada com tinta acrílica - Rua Afonso Pena, 310
Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia Arquitetônica

Casa térrea descaracterizada, possivelmente seria de tipologia “ $\frac{3}{4}$ de morada”, adaptada para o serviços. Com fachada revestida em azulejo, de procedência desconhecida, na técnica da estampilha, nas cores amarelo e preto.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se com a fachada pintada com tinta acrílica na cor rosa forte em cima dos azulejos.

Autora observou que no decorrer dos anos 2004 a 2013 pouca coisa mudou em relação a conservação desse imóvel, que durante estes 9 (nove) anos os azulejos da fachada continuam sendo pintados com tinta acrílica. Sendo que em 2004, os azulejos da fachada estavam pintados com tinta acrílica na cor rosa (pink), atualmente os azulejos da fachada estão pintados com tinta acrílica na cor amarelo claro. Este é um dos casos de desvalorização do patrimônio azulejar, onde o desconhecimento do valor histórico, artístico e cultural, causa danos irreversíveis ao patrimônio.



Fig. 58 Cercadura da fachada pintada com tinta
Fonte : Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 59 Cercadura da fachada depois de raspada



Fig. 60 Cercadura da fachada pintada com tinta
Fonte : Autora, 2013.

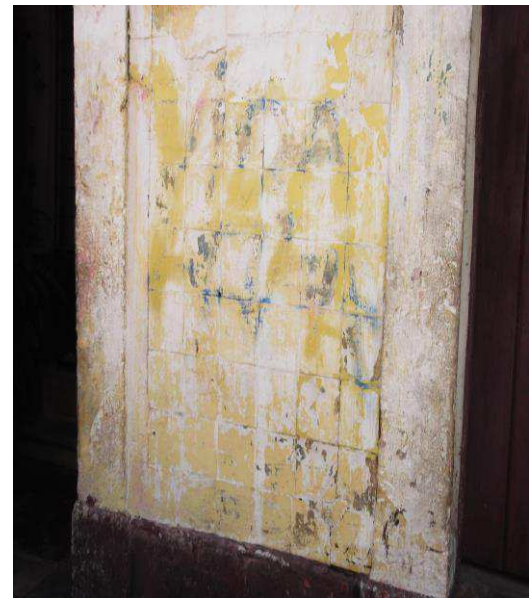


Fig. 61 Detalhe da fachada azulejada

Tipologia do Azulejo

Análise

Azulejo aparentemente de técnica majólica com característica também da técnica estampilhada, de procedência desconhecida. Fachada com fachada revestida em azulejo, de procedência desconhecida, na técnica da estampilha, nas cores amarelo e preto.

Os azulejos das fachadas estão completamente pintados. Para descobrir o padrão foi necessária a raspagem da tinta com auxílio do bisturi.

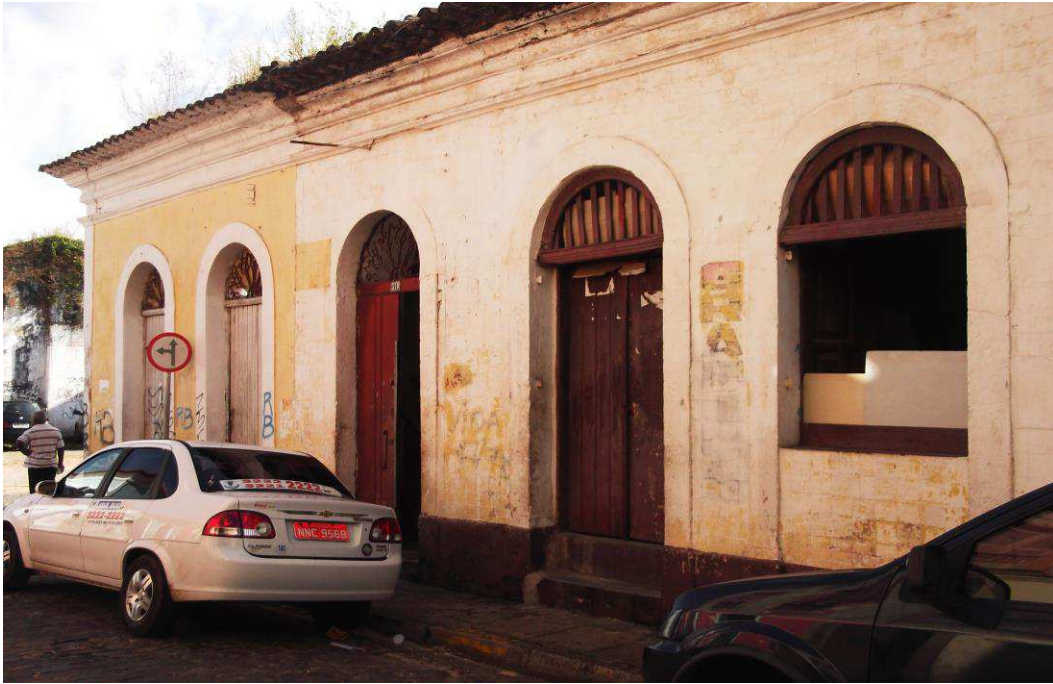


Fig. 62 Fachada atual esta pintada com tinta acrílica na cor amarela
Fonte : Autora, 2013

10º Imóvel



Fig. 63 Praça João Lisboa, 200 - ano de 2004 (fachada principal e lateral)
 Fonte : Inventario do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.

Tipologia Arquitetônica

O Sobrado com 2 fachadas, sendo uma na Praça João Lisboa, 200 e outra na Rua Humberto de Campos. Sobrado com 2 pavimentos, sendo o pavimento térreo de uso comercial e o 2º pavimento uso residencial . O prédio encontra-se estabilizado, com as portas fechadas com alvenaria e cimento Portland. Atualmente o prédio é ocupado por várias pessoas de diferentes famílias, ou seja de moradores de rua.

Estado de Conservação

O edifício encontra-se em acelerado estado de degradação com perda de grande parte do revestimento azulejar das fachadas. A fachada contém uma faixa de azulejos de cor vinho contornando todo o prédio. A maior perda azulejar está na fachada lateral da Rua Humberto de Campos, todos esses azulejos não existe mais, conforme registro fotográfico. Uma perda irreparável para o patrimônio azulejar da cidade.

Autora, relata que no ano de 2004, este imóvel estava com a perda azulejar em torno de 40% dos revestimento da fachada principal e 30% da fachada lateral e atualmente o

prédio esta com perda de 50% da fachada principal e 55% da fachada lateral. Além dos azulejos da fachada, existiram também azulejos internamente na circulação da sala, na forma de silhar.



Fig. 64 Detalhe da fachada principal da Praça João Lisboa, 200

Fonte : Autora, 2013.



Fig. 65 Detalhe da fachada lateral da Rua Humberto de Campos

Fonte : Autora, 2013.



Fig. 66 Detalhe da fachada lateral onde ainda existem da Rua Humberto de Campos
Fonte : Autora, 2013.

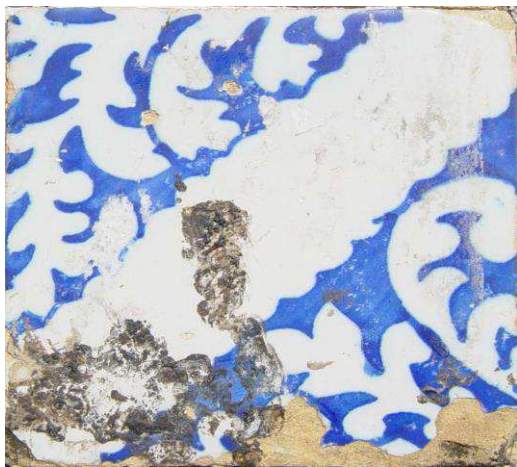


Fig. 67 Azulejo estampilhado, fachada principal
Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012



Fig. 68 Azulejo de padrão 2 X 2



Fig. 69 Friso estampilhado da fachada lateral

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 70 Friso estampilhado da fachada principal



Fig. 71 Azulejo da fachada lateral

Fonte: Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão, 2012.



Fig. 72 Azulejo de padrão 2x2 (lateral do imóvel)

Tipologia do Azulejo

Análise

Fachada principal revestida com azulejos estampilhados na cor azul e branca, de procedência portuguesa e fachada lateral revestida com azulejos estampilhados nas cores azul, amarelo, verde e branco, também de procedência portuguesa.

Os azulejos estão com bastante perda de vidrado, apresentam micro fraturas, ferragens e perda de inúmeras peças originais da fachada.

7 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A preservação das edificações históricas se faz fundamental para a manutenção da identidade cultural de uma região. A restauração das fachadas de azulejo está inserida nesse processo, e o estudo das características do azulejo é de grande importância para que se possa ter uma maior qualidade na execução desse trabalho, evitando patologias causadas pelo uso de placas ou argamassa inadequada.

Cabe também ao poder público a possibilidade de encaminhar e promover a educação ambiental junto às comunidades, oportunizando a participação de todos os atores sociais envolvidos no processo ambiental.

Este trabalho promoveu um estudo acerca da história da azulejaria no Brasil e procurou registrar os costumes que herdamos de Portugal e que ficou enraizado em nossa cultura e conseqüentemente na arquitetura, que perdura até os dias de hoje, o uso do azulejo como revestimento de fachadas, internamente e painéis, como fonte de expressão artística e plástica.

De início, o revestimento das fachadas com azulejos se dava por razões fundamentalmente climáticas e não ornamentais. Com a ação das chuvas e do calor constante, o azulejo será empregado como elemento de impedimento de corrosão. No Neoclássico o gosto pelo azulejo acaba determinando uma característica na arquitetura imperial tornando-se um elemento essencial não só no exterior como no interior das casas e igrejas. No movimento Neocolonial, que procurava valorizar as expressões regionais da arquitetura tradicional brasileira, o culto à tradição e entre elas o uso da azulejaria é amplamente defendido.

Na arquitetura contemporânea brasileira redescobriu-se não só o valor estético das superfícies revestidas com os azulejos que se torna cada vez mais frequente. O uso deste material no decorrer da história, que resistiu ao tempo, se inova a cada dia procurando novos caminhos na sua utilização funcional e também como forma de expressão plástica.

Mediante a observação *in loco* dos 10 (dez) prédios avaliados percebeu-se que o Centro Histórico de São Luís encontra-se bastante degradado, não só pela falta de intervenções de conservação e restauro, mas também devido o abandono dos proprietários e moradores da área, descaso do poder público e a falta de uma política de preservação. Apesar de alguns obras de restauro já terem acontecido no o centro histórico, uma grande parte dos prédios necessitam urgente de intervenções, não só pela degradação em si, mas também pelo

fato de São Luís ter um importante conjunto de prédios com fachadas azulejadas, sendo denominada “Cidade dos Azulejos”. Sendo assim, é imprescindível a preservação da autenticidade do conjunto arquitetônico e das fachadas com azulejos antigos, não só pela sua importância histórica, cultural e artística, mas também porque é essencial preservar esse importante patrimônio que não é só nosso, mas de toda humanidade.

Assim, conclui-se que as formas de degradação física encontradas decorrem, direta ou indiretamente, de mecanismos desencadeados pela umidificação das chacotas a partir das fachadas. As áreas degradadas correspondem, previsivelmente, às áreas da fachada particularmente úmidas, cujos ciclos anuais de umidificação são suficientes para desencadear a degradação dos azulejos. Existem, no entanto, azulejos que resistem sem degradação notável à aplicação em fachadas úmidas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. O tratamento de azulejos em obras de reabilitação contributos para um vídeo. **Cenfic**, 1995.
- ALCÂNTARA, D. Azulejos Portugueses em São Luís do Maranhão, 1980
- _____, D. (org.). **Azulejos na cultura luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN, 1997.
- _____, D. **Patrimônio Azulejar Brasileiro**: aspectos históricos e de conservação. Brasília: Ministério da Cultura, 2001.
- _____, D. **Os Azulejos do Brasil e Portugal**. Material disponibilizado em DVD em Curso Ministrado no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, 2008.
- AMARAL, LS. **Retratos de Chão** – A arte ornamental do revestimento de piso de ladrilhos hidráulicos dos edifícios da Universidade de Taubaté. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.
- BAÍA, L.L.M.;SABATTINI, F.H. **Projeto e execução de revestimento de argamassa**. Coleção Primeiros Passos da Qualidade nos Canteiros de Obras. São Paulo: O Nome da Rosa Editora,
- BARATA, M. **Azulejos no Brasil**, séculos XVII, XVIII, XIX. Rio de Janeiro, Editora Jornal do Comércio, 1955.
- BRASIL, Ministério da Cultura. Programa Monumenta. **Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais**: norte, nordeste e centro-oeste. Brasília: Ministério da Cultura, Programa Monumenta, 2005.
- CALADO, RS. **OCEANOS- Azulejos Portugal e Brasil**, 1999.
- CALADO, M; SILVA, JH. **Pais do Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura, Barcarena**, Editorial Presença, 2005.
- CASTRO, LMPM. **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão**. Igreja do Carmo. São Luís- Maranhão. Editora AML, 2012.
- COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES. **Oceanos: Azulejos-Portugal e Brasil**. Lisboa: Maiadouro, 1998.
- CURVAL, RBF. **Azulejaria portuguesa No patrimônio edificado do sul do Brasil**. Tese mestrado em memória social e patrimônio cultural. Pelotas (RS), 2008.
- DOMINGUES, AMP - **A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal**. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2009, 2 volumes.

DUAILIBE, R.P.;CAVANI,G.R.;OLIVEIRA,M.C.B. **Proposta de Projeto de Revestimento Cerâmico de Fachada–Estudo De caso.VI SBTA–VI SIMPOSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DE ARGAMASSAEI INTERNATIONAL SYMPOSIUM ONMORTARSTECHNOLOGY,Florianopolis.2005.**

FIGUEIREDO, M(coord.). **Catálogo dos Azulejos de São Luís.** São Luís: Sociedade dos Amigos do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, 2004.

GRACIANI, J.S. Ações e estratégias para a atuação na gestão participativa sócio-ambiental. Educação Continuada à distância – NOAL. C – 2003.

GRIPP, RA. **A importância do projeto de revestimento de fachada, para a redução de patologias.** Monografia Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

LEMOS, CAC. **Alvenaria Burguesa:** Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. Nobel: São Paulo, 1989.

LIMA, Z.M.C (org.). **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão.** São Luís: Edições AML. 2012.

LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil. **Sobre a degradação física dos azulejos de fachada em Lisboa.** Relatório 303/2011 – NPC.

MACHADO, ZMO. **Destruição do acervo azulejar brasileiro:** uma perda irreparável18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia

MECO, J. **O Azulejo em Portugal.** Lisboa, Publicações Alfa, 1993.

MONTENEGRO, GC. **Azulejaria portuguesa na arquitetura Imperial de Belém.** Belém: Universidade da Amazônia, 1999.

MOURA, DC. – Do Oriente Médio a Caxias-A **Trajetória do Azulejo como Símbolo de Dominação.** Monografia. Caxias- MA. 1998 (p. 45).

NETO GOMES, P.R. **A Azulejaria em Portugal.** 2000.

MECO, J. OCEANOS. **Azulejos Portugal e Brasil.** Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Bertrand. Lisboa. Número 37/38 – outubro 1998/ março1999.

OLIVEIRA, V.C.L. **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão.** Azulejos Subtraídos. São Luís: Edições AML.2012.

PEDRO, E.G.; MAIA,L.E.F.C.; ROCHA, M.O.; CHAVES,M.V. **.Patologia em revestimento cerâmico de Fachada.**Curso de Pós-graduação do CECON,Especialização em Engenharia de Avaliações e Perícias. Síntese de Monografia. Belo Horizonte – MG, 2002.

PEREIRA,D.J. **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão.** . Causas de Deterioração. São Luís: Edições AML.2012

PŘICHYŠTALOVÁ, M. **A intenção decorativa do azulejo português**. Monografia. Departamento de Artes, Universidade de Masarykova. Brno, República Tcheca. 2007.

SIMÕES, JMS - **Azulejaria Portuguesa no Brasil**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

_____, JM: **Estudos de Azulejaria**, Impresa Naciona – Casa da Moeda, Lisboa, 2001

VELOSO; ALMASQUÉ, I. **Azulejos de Fachada em Lisboa**, 1979, p. 13

VIVEIROS, J. **História do Comércio do Maranhão – 1612/1895**. São Luis: Associação Comercial, 1992 (Ed. Fac-Similar. V.1).

PEREIRA, JCB - **As coleções do Museu Nacional do Azulejo**, Lisboa. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1995. 128.

WIKIPEDIA – a enciclopédia livre. **Azulejo**. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejo#Alicatado>> Acesso em: 18 de Julho 2013.

ANEXOS

ANEXO A: Ficha Individual do Imóvel

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL

01. ENDEREÇO	
02. PROPRIETÁRIO	
01. PROTEÇÃO LEGAL 01. () Tombamento de conjunto Federal 02. () Tombamento de conjunto Estadual 03. () UNESCO Observação:	
02. NÚMERO DE PAVIMENTOS 01. () Térreo 02. () Dois 03. () Três 04. () Quatro 05. () Mirante 06. () Subsolo Observação:	03. TIPOLOGIA 01. () Sobrado 02. () Morada e meia 03. () Morada Inteira 04. () $\frac{3}{4}$ de morada 05. () Meia Morada 06. () Porta e Janela Observação:
07. ESTADO DE CONSERVAÇÃO 01. () Bom 02. () Regular 03. () Ruim 04. () Ruínas 05. () Demolido Observação:	08. USO ATUAL 01. () Residencial 02. () Comercial 03. () Misto (comercial e residencial) 04. () Institucional 05. () Religioso Observação:

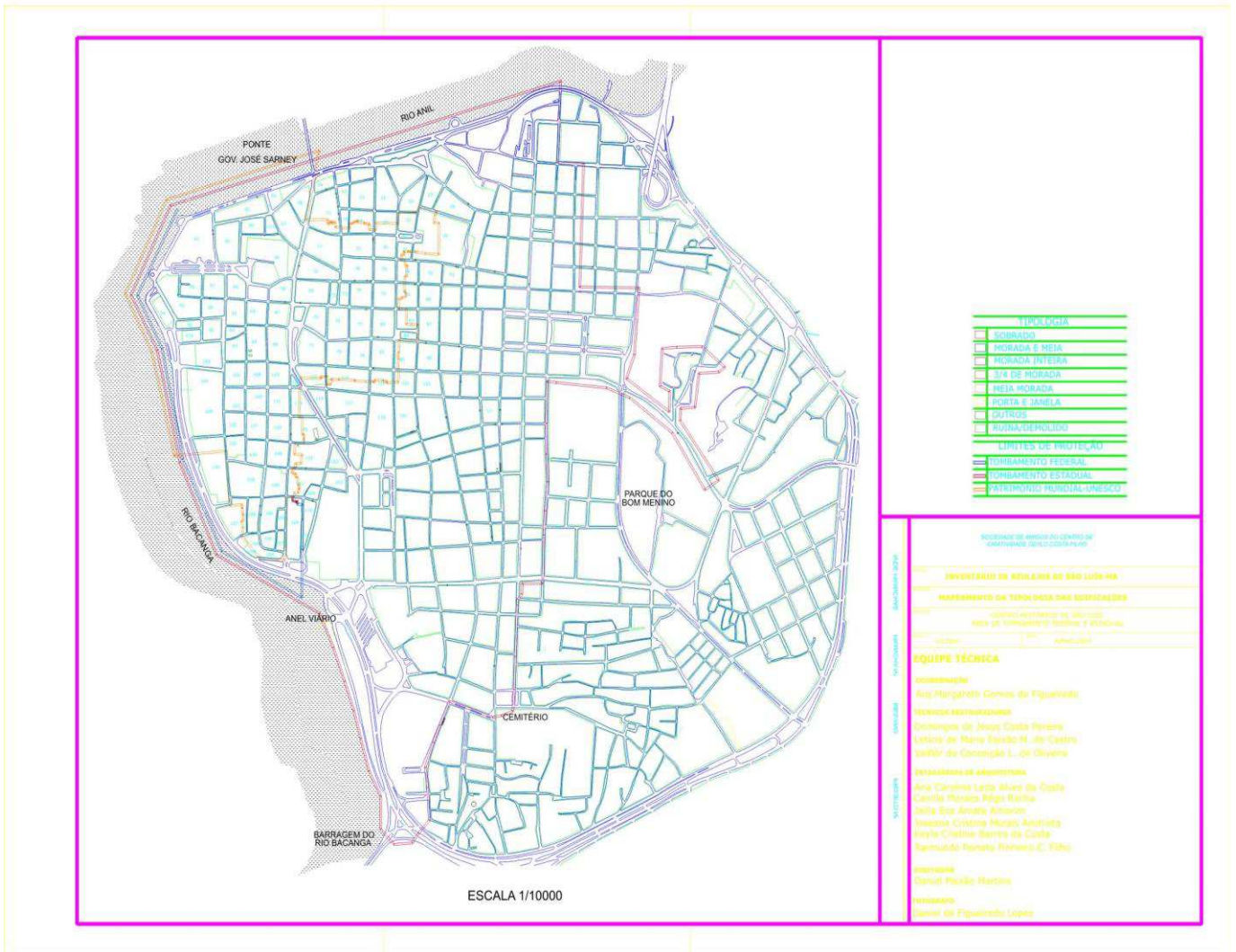
ANEXO B : Ficha Individual do Azulejo

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO AZULEJO

01. ENDEREÇO	
02. PROPRIETÁRIO	
03. PROTEÇÃO LEGAL 01. () Tombamento de conjunto Federal 02. () Tombamento de conjunto Estadual 03. () Tombamento individual Federal 04. () Tombamento individual Estadual Observação:	04. LOCAL DE APLICAÇÃO 01. () Fachada Total 02. () Fachada Parcial 03. () Interior 04. () Outros Observação:
05. TIPO 01. () Silhar 02. () Tapete 03. () Painel figurado 04. () Tarja 05. () Cercadura 06. () Friso 07. () Adornos isolados 08. () Registro 09. () Outros Observação:	06. PADRÃO 01. () 2 X 2 02. () 4 X 4 03. () S/Padrão Observação:
07. TÉCNICA DE DECORAÇÃO 01. () Estampilha 02. () Marmoreado 03. () Decalcomania 04. () Esponjado 05. () Majólica 06. () Misto 07. () Pintua Sobre Porcelana Observação:	08. PROCEDÊNCIA 01. () Português 02. () Holandês 03. () Inglês 04. () Francês 05. () Alemão 06. () Outros 07. () Não Identificado Observação:
09. ESTADO FÍSICO 01. () Bom 02. () Regular 03. () Péssimo Observação:	10. ESTADO DE PRESERVAÇÃO 01. () Perda de vidrado % 02. () Fraturas % 03. () Perda parcial de chocota % 04. () Sujidades P- Pequeno M – Médio G – Grande Observação:
11. CAUSAS DA DETERIORAÇÃO 01. () Infiltração 02. () Vegetação 03. () Microrganismo 04. () Vandalismo 05. () Intempéries 06. () Outros Observação:	

ANEXO C: Mapeamento da Tipologia das Edificações

A3 1 / 10000



TIPOLOGIA	
[Symbol]	SOMBADO
[Symbol]	MORADA E MEIA
[Symbol]	MORADA INTEIRA
[Symbol]	ALA DE MORADA
[Symbol]	MEIA MORADA
[Symbol]	PORTA E JANELA
[Symbol]	CURTINA
[Symbol]	FORNACELO
LIMITES DE PROTEÇÃO	
[Symbol]	TOMBAMENTO FEDERAL
[Symbol]	TOMBAMENTO ESTADUAL
[Symbol]	PATRIMÔNIO MUNDIAL-UNESCO

REGIÃO DE ANIL DO CENTRO DE SANTIAGO DE LOS CABALLEROS

INVENTÁRIO DA ARQUITETURA DO SÉCULO XIX

Mapeamento da Tipologia das Edificações

COORDENADOR GERAL: ANIL DO CENTRO DE SANTIAGO DE LOS CABALLEROS

COORDENADOR LOCAL: ANIL DO CENTRO DE SANTIAGO DE LOS CABALLEROS

EQUIPE TÉCNICA

COORDENADOR:
Rafael Margarida Cordeiro de Figueiredo

COORDENADOR LOCAL:
Dionísio de Jesus Costa Pereira
Lúcia de Fátima Souto M. do Carmo
Valdir de Conceição L. de Oliveira

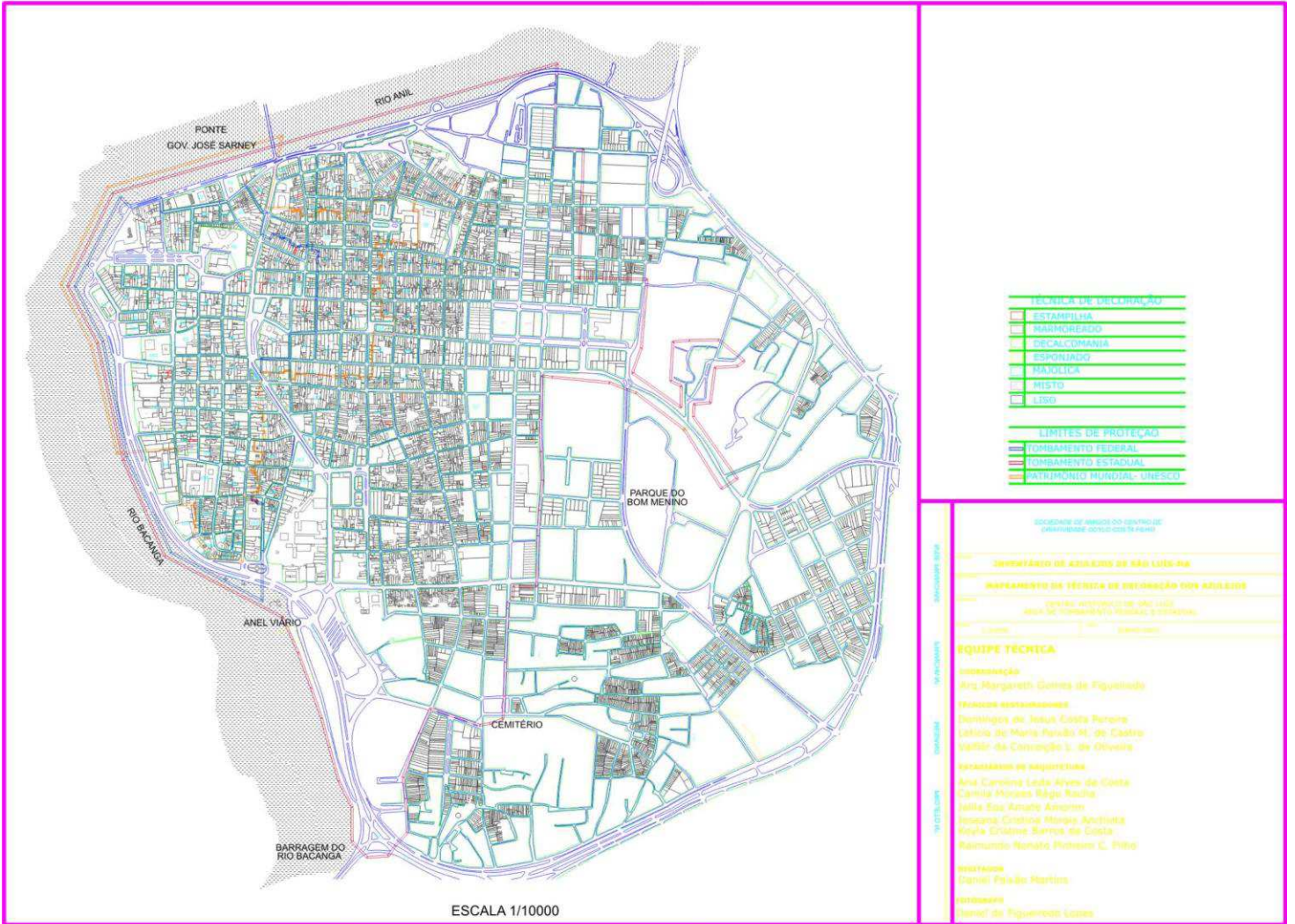
PROFESSORES DE ARQUITETURA:
Ana Carolina Leite Silva de Costa
Carla Regina Fogaça Rêgo
Jéssica dos Anjos Amorim
Isabela Cristina Henriques Araújo
Névia Cristina Barros de Costa
Renato de Fátima Barros de Costa

PROFESSOR:
Daniel Pinheiro Martins

PROFESSOR:
Daniel de Fátima Barros de Costa

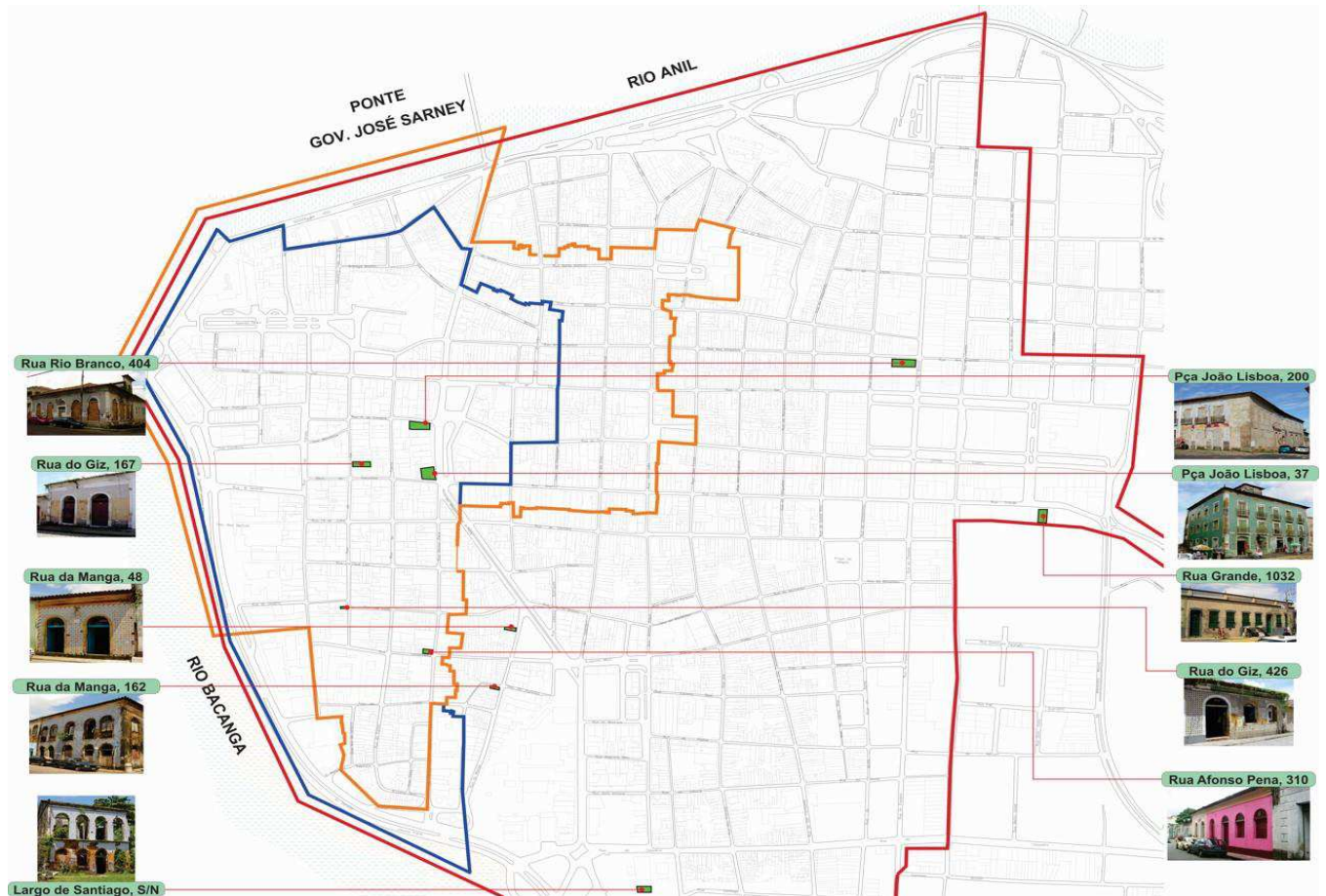
ANEXO D: Mapeamento das Técnicas de Decoração

A3 1 / 10000



ESCALA 1/10000

ANEXO E: Mapa de Localização dos Imóveis Estudados



LIMITES DE PROTEÇÃO	
■	TOMBAMENTO FEDERAL
■	TOMBAMENTO ESTADUAL
■	PATRIMÔNIO MUNDIAL- UNESCO

ANEXO F: Quadro de Importações de Azulejos para o Estado do Maranhão

DATA	NOME DO NAVIO	QUANT.	PROC.	CONSIGNADO
09/09/1843	Brigue Port Lioa	3 caixas	Lisboa	D.da S. Ferro
21/02/1844	Brigue Port Lioa	19 cxs	Lisboa	-
23/09/1846	Brigue Bras Urba	04 cxs	Lisboa	-
19/03/1849	Pataeno Liberdade	10 cxs	Lisboa	-
06/12/1851	Galeta Portuguesa	09 cxs	Lisboa	-
22/09/1853	Navio Barca Brasi Luzit	04cxs	Lisboa	-
10/10/1853	Barca Portuguesa	02 cxs	Lisboa	-
21/05/1854	Liberdade	11 cxs	Lisboa	-
06/08/1854	Barca Linda	11 conhetes	Porto	-
24/03/1855	Boa Fé	08 cxs	Lisboa	-
30/04/1855	Novo Vencedor	15 cxs	Lisboa	-
19/03/1856	Brigue Flôr do Mar	64 cxs	Lisboa	-
28/03/1856	Galera Aurora	08 conhetes	Porto	-
12/05/1856	Barca Luzitana	21 cxs	Lisboa	-
01/01/1857	Barca Luzitana	15 cxs	Lisboa	-
10/02/1857	Flôr do Mar	20 cxs	Lisboa	-
11/02/1857	Galera Aurora	04 cxs	Porto	-
19/06/1858	Patacho Liberdade	01 cxs	Lisboa	-
17/08/1858	Boa Fé	45 cxs	Lisboa	-
10/13/1859	Boa Fé	38 cxs	Lisboa	-
12/01/1860	Octávia (Belga)	100.000 az	Antuérpia	-
02/03/1860	Júlio	82 cxs	Lisboa	-
01/02/1861	Boa Fé	25 cxs	Lisboa	Manoel J.M.R. Guimaraes
25/05/1861	Bom Sucesso	96 cxs	Lisboa	Manoel J.M.R. Guimaraes
21/09/1861	Alfredo	18 cxs	Porto	Viúva de João da Rocha
14/11/1861	Brilhante	01 cxs	Porto	J.M. Romeu
26/11/1861	Feliz União	05 cxs	Lisboa	José F. Arteiro

26/11/1861	Feliz União	64 cxs	Lisboa	Manoel J.M.R. Guimaraes
24/08/1862	Bom Sucesso	60 cxs	Lisboa	José Francisco Arteiro
20/09/1862	Angélica	01 cxs	Lisboa	Luís da Serra Pinto
26/09/1862	Angélica	84 cxs	Lisboa	José Francisco Arteiro
26/09/1862	Angélica	83 cxs	Lisboa	Loureiro Teixeira & Cia
10/04/1863	Angélica	14 cxs	Lisboa	B. da Costa Neves
21/05/1864	Brigue Port. Ang.	11 cxs	Lisboa	João C. P. Prazeres
31/05/1864	Brigue Port. Ang.	86 cxs	Lisboa	Loureiro Teixeira & Cia
30/06/1864	Patacho Port. Ang.	16 cxs	Lisboa	José M. Barbosa
30/06/1864	Patacho Port. Ang.	23 cxs	Lisboa	J. J. de Azevedo Almeida
30/06/1864	Patacho Port. Ang.	20 cxs	Lisboa	Francisco M. Rodrigues
25/01/1865	Angélica	50 cxs	Lisboa	Guimarães Caldas Filho
25/01/1865	Angélica	46 cxs	Lisboa	Loureiro Teixeira & Cia
25/04/1865	Rosa de Faro	35 cxs	Lisboa	José Francisco Lopes
10/08/1865	Angélica	85 cxs	Lisboa	Loureiro Teixeira & Cia
10/08/1865	Angélica	12 cxs	Lisboa	José Manoel Barbosa
11/07/1866	Restauração	01 cxs	Porto	João M. Romeu
30/07/1866	Maria Luísa	10 cxs	Lisboa	João C. P. Prazeres
21/08/1866	Angélica	175 cxs	Lisboa	Monteiro da Silva & Cia
27/09/1866	Viajante	06 cxs	Lisboa	Mota & Santos
27/09/1866	Viajante	18 cxs	Lisboa	Ribeiro & Hoyer
18/09/1867	Bom Sucesso	51 cxs	Lisboa	Ribeiro & Hoyer
30/09/1867	Angélica	18 cxs	Lisboa	J.J. de Azevedo Almeida
11/12/1867	Maria	20 cxs	Lisboa	Ana Jansen Pereira
18/12/1867	Maranhense	11 cxs	Lisboa	João Bento de Barros
12/01/1871	Maria Luísa	03 cxs	Lisboa	Antero José Machado
29/08/1871	Bragança Inglês	22 cxs	Lisboa	F. Lopes de Sousa & Cia
22/10/1871	Braganza	10 cxs	Lisboa	Lima & Reis
11/11/1871	Balarim	03 cxs	Lisboa	Lima & Reis
28/12/1871	Braganza	03 cxs	Lisboa	Antônio Pereira Ramos
28/04/1872	Angélica	10 cxs	Lisboa	Bastos e Campos
11/08/1872	Cearense	10 cxs	Lisboa	Casemiro de Barros

24/10/1872	Brusinvich (inglês)	05 cxs	Lisboa	Ferreira Santos & Cia
18/12/1872	Vapor Inglês	11 cxs	Lisboa	João Bento Barros
21/03/1873	Angélica	13 cxs	Lisboa	Vidal & Marques
21/03/1873	Angélica	17 cxs	Lisboa	Ribeiro & e Royer
23/03/1873	Vanda	17cxs	Lisboa	Antônio José Maria
17/11/1873	Braganza	33 cxs	Lisboa	Wilam Wibson & Cia
10/12/1873	Brunswick	02 cxs	Lisboa	Ferreira dos Santos
25/01/1874	Braganza	14 cxs	Lisboa	José Joaquim A. Almeida
16/02/1874	Mendigo Português	11 cxs	Lisboa	Custódio Gonçalves & Cia
02/05/1874	Angélica	26 cxs	Lisboa	Delfim Guimarães
30/10/1874	Braganza	13 cxs	Lisboa	Prado & Santos
05/11/1874	Angélica	106 cxs	Lisboa	M. da Silva Rodrigues
05/11/1874	Angélica	16 cxs	Lisboa	Antônio José Pereira
30/11/1874	Brunswick	33 cxs	Lisboa	Vinhas & Couto
30/11/1874	Brunswick	04 cxs	Lisboa	Prado & Santos
15/06/1875	Brunswick	01 cxs	Lisboa	Delfim Guimarães
21/08/1875	Braganza	08 cxs	Lisboa	Eduardo da Silva S.
08/10/1875	Maria Carolina	12 cxs	Porto	M. José Coelho Miranda
23/10/1875	Brunswick	28 cxs	Lisboa	Eduardo do S. Santos
11/06/1876	Brunswick	31 cxs	Lisboa	Ribeiro Silva Sá
07/10/1876	Maria Carolina	50 cxs	Porto	Maria Júnior
08/10/1876	Bernard	33 cxs	Lisboa	Gaspar Lopes Ferreira
11/11/1876	Braganza	05 cxs	Lisboa	José Moreira da Silva
15/06/1877	Brunswick	121 cxs	Lisboa	Jerônimo J. Tavares
23/07/1877	Cidral	54 cxs	Lisboa	Castro Sousa & Cia
23/07/1877	Cidral	25 cxs	Lisboa	Lopes & Primo
07/08/1877	Cidral	09 cxs	Lisboa	João Pedro Ribeiro
15/11/1877	Brunswick	11cxs	Lisboa	A. Graça e Carvalho
21/11/1877	Angélica	55 cxs	Lisboa	Gaspar Lopes Ferreira
24/06/1879	Amazonense	08 cxs	Lisboa	Manoel José da Silva

Dados obtidos no livro da historiadora (DORA ALCÂNTARA , 1980).

